HENRIQUE IV

PERSONAGENS

HENRIQUE IV
MATILDE SPINA - A Marquesa
FRIDA – *Sua filha*
CARLO DI NOLLI – *O Jovem Marquês*
TITO BELCREDI – *O Barão*
DIONISIO GENONI – *O Doutor*

Os quatro falsos Conselheiros Secretos:
1º LANDOLFO *(Lolo)*
2º ARIALDO *(Franco)*
3º ORDULFO *(Momo)*
4º BERTOLDO *(Fino)*

GIOVANNI – *O Velho copeiro*
DOIS VALETES *devidamente trajados*

Numa casa de campo solitária no interior da Úmbria em nossos dias.

PRIMEIRO ATO

Salão na casa de campo severamente decorado de modo a representar aquela que podia ter sido a sala do trono de Henrique IV na casa imperial de Goslar. Porém, em meio à decoração antiga, destacam-se da parede do fundo dois grandes retratos a óleo modernos, em tamanho natural, colocados a uma pequena altura do chão sobre um rodapé de madeira entalhada que se estende ao longo da parede toda (largo e saliente de modo a permitir que se sente nele como num banco comprido), um à direita e outro à esquerda do trono que, no meio da parede, interrompe o rodapé e ali se insere com seu assento imperial e seu baldaquim baixo. Os dois retratos representam um cavalheiro e uma dama, ambos jovens, em trajes carnavalescos, um fantasiado de "Henrique IV" e a outra de "Marquesa Matilde de Toscana". Portas à direita e à esquerda.

Ao levantar-se o pano, os dois valetes, com que surpreendidos, pulam do banco do rodapé[1] onde estavam deitados e vão postar-se como estátuas, de um lado e de outro aos pés do trono, com suas alabardas. Logo depois, pela segunda porta à direita entram Arialdo, Landolfo, Ordulfo e Bertoldo: moços contratados pelo Marquês Carlo di Nolli para representarem os papéis de "Conselheiros Secretos", vassalos reais da pequena nobreza na Corte de Henrique IV. Por isso estão vestidos com trajes de cavaleiros germânicos do século XI. O último, Bertoldo, chamado Fino, é a primeira vez que entra em serviço. Os três companheiros dão-lhe informações detalhadas e caçoam dele. Toda cena deve ser representada com uma vivacidade cheia de estro.

Landolfo
(Para Bertoldo, como que dando continuidade a uma explicação.) E esta é a sala do trono!

Arialdo
Em Goslar!

Ordulfo
Ou até, se quiser, no Castelo do Hartz!

Arialdo
Ou em Worms.

Landolfo
Conforme o episódio que representamos, ela vai conosco, ora para um lugar, ora para outro.

Ordulfo
Para a Saxônia!

Arialdo
Para a Lombardia!

Landolfo
Para o Reno!

Um dos Valetes
(Sem perder a compostura, mal mexendo os lábios.) Psiu! Psiu!

---

[1]Trata-se de um rodapé especial, continuo, em formato de arca, cuja parte superior é utilizada como assento Do italiano *Zoccolo* (N. da T.)

Arialdo
(Virando-se ao chamado.) O que é?

Primeiro Valete
(Sempre como uma estátua, à meia voz.) Entra ou não entra?
Está aludindo a Henrique IV.

Ordulfo
Não, não. Está dormindo; podem ficar à vontade.

Segundo Valete
(Desmanchando a pose junto com o primeiro, tomando fôlego e indo deitar-se novamente no rodapé.) Santo Deus, vocês podiam ter dito!

Primeiro Valete
(Aproximando-se de Arialdo.) Por favor, tem um fósforo ai?

Landolfo
Ai! Cachimbo aqui dentro não!

Primeiro Valete
(Enquanto Arialdo estende-lhe um .fósforo aceso.)
Não, vou fumar um cigarro.
Acende e vai ele também deitar-se no rodapé, fumando.
Bertoldo
(Que ficara observando, entre admirado e perplexo, olhando a volta da sala, e depois olhando seu traje e o dos companheiro) Mas, desculpem... esta sala... esta roupa.. . Que Henrique IV?... Não consigo atinar direito: é ou não é aquele da França?

A esta pergunta. Landolfo, Arialdo e Ordulfo desatam a rir fragorosamente.

Landolfo
(Sempre rindo, apontando Bertoldo para os companheiros, que continuam a rir, como que para convidá-los a caçoar dele mais ainda.) O da França, você diz!

Ordulfo
(Como acima.) Pensou que fosse o da França!

Arialdo
Henrique IV da Alemanha, meu caro! Dinastia dos Sálios!

Ordulfo
O grande e trágico imperador!

Landolfo
O de Canossa! Desempenhamos aqui, dia a dia, a assustadora guerra entre Estado e Igreja! Oh!

Ordulfo
O império contra o Papado! Oh!

Arialdo
Antipapas contra Papas!

Landolfo
O rei contra os anti-reis!
Ordulfo
E guerra contra os saxões!

Arialdo
E todos os príncipes rebeldes!

Landolfo
Contra os próprios filhos do Imperador!

Bertoldo
(Sob essa avalanche de notícias, segurando a cabeça com as mãos.) Entendi! entendi! Por isso não conseguia atinar, vendo-me vestido assim e entrando nesta sala! Bem que eu disse a mim mesmo: estas roupas não podiam ser de mil e quinhentos!

Arialdo
Que mil e quinhentos o quê!

Ordulfo
Aqui nós estamos entre mil e mil e cem!

Landolfo
Pode fazer a conta: se em 25 de janeiro de 1071 estamos diante de Canossa...

Bertoldo
(Ficando mais confuso do que nunca.) Ah, meu Deus, mas então é uma desgraça!

Ordulfo
Pois é! Se pensou que estava na Corte da França!

Bertoldo
Toda a minha preparação histórica...

Landolfo
Estamos quatrocentos anos antes, meu caro! Você até parece um bebezinho!

Bertoldo
(Irritando-se.) Deus do céu, mas vocês podiam ter-me avisado que se tratava do Henrique IV da Alemanha e não da França! Nos quinze dias que me deram para a preparação, só eu sei quantos livros andei folheando!

Arialdo
Ora, por acaso você não sabia que aqui o coitado do Tito era Adalberto de Brema?

Bertoldo
Mas que Adalberto! Não sabia de nada, eu!

Landolfo
Não está vendo como é? Depois da Morte de Tito, o filho do marquês Di Nolli...

Bertoldo
Foi ele mesmo, o filho do marquês! O que custava me dizer...?

Arialdo
Decerto pensava que você soubesse!

Landolfo
Não queria contratar mais ninguém para substituir Tito. Tínhamos sobrado nós três, achava que era suficiente. Mas ele começou a gritar: "Expulsaram Adalberto" - *(porque, entende, não pensou que o coitado do Tito pudesse morrer, mas que nas vestes do bispo Adalberto, os bispos rivais de Colônia e de Magôncia o tivessem expulsado da Corte.)*

Bertoldo
(Agarrando e segurando a cabeça com ambas as mãos.) Mas eu não sei nada, não sei bulhufas de toda esta história!

Ordulfo
Eh, danou-se, então, meu caro!

Analdo
E a desgraça é que nem mesmo nós sabemos quem você é!

Bertoldo
Nem mesmo vocês? Quem devo representar, vocês não sabem?

Ordulfo
Hum! "Bertoldo".

Bertoldo
Quem? Bertoldo? Por que Bertoldo?

Landolfo
"Expulsaram Adalberto? E então eu quero Bertoldo! quero Bertoldo!" - *começou a gritar assim.*

Arialdo
Ficamos os três olhando um para o outro: Quem será esse Bertoldo?

Ordulfo
E aí está você, "Bertoldo", meu caro!

Landolfo
Você fará um papel magnífico!

Bertoldo
(Revoltando-se e ameaçando sair.) Ah, farei coisa nenhuma! Muito obrigado! Vou embora! Vou embora!

Arialdo
(Detendo-o junto com Ordulfo entre risadas.) Não, fique calmo, fique calmo!

Ordulfo
Você não será o Bertoldo da historinha infantil!

Landolfo
E console-se, porque de mais a mais nem mesmo nós sabemos quem somos. Ele, Arialdo; ele, Ordulfo; eu, Landolfo... Chama-nos assim. Já nos acostumamos. Mas quem somos? - Nomes da época! - O seu também será um nome da época: "Bertoldo". - Só um dentre

nós, o coitado do Tito, tinha um belo papel determinado, como se lê na história: o de bispo de Brema. Parecia um bispo de verdade, oh! magnífico, pobre Tito!

Arialdo
Pudera, ele sim é que pôde estudar seu papel nos livros!

Landolfo
E dava ordens até à Sua Majestade: impunha-se, orientava-o, como se fosse seu tutor e conselheiro. Nós também somos "Conselheiros Secretos", também nós, mas assim, para fazer número; porque na história está escrito que Henrique IV era odiado pela alta aristocracia por ter-se cercado na Corte de jovens de baixa extração.

Ordulfo
Que seríamos nós.

Landolfo
Pois é, pequenos vassalos reais; devotados; um tanto dissolutos; alegres...

Bertoldo
Devo ser alegre também?

Arialdo
Eh, dá-lhe com isso! Como nós!

Ordulfo
E não é fácil, sabe?

Landolfo
Realmente, é pena! Porque, como pode ver, aqui haveria cenário, nossas roupas dariam para fazer uma bela aparição numa representação histórica, como essas que atualmente fazem tanto sucesso nos teatros. Da história de Henrique IV há como tirar não uma, mas várias tragédias, e como. Qual nada! Todos os quatro aqui, e aqueles dois infelizes ali *(Indica os valetes.)* quando estão de pé feito estacas junto ao trono, somos assim... ficamos ao deus-dará, sem ninguém que nos dirija e nos dê alguma cena para representar. Existe, como poderia dizer? a forma, e nos falta o conteúdo! Estamos numa situação pior do que a dos verdadeiros conselheiros secretos de Henrique IV; porque, é claro, nem mesmo a eles alguém deu um papel para ser representado; mas, pelo menos, não sabiam que deviam representar um papel:

representavam-no por representar: Não era um papel, era a vida deles, em suma; defendiam seus interesses em prejuízo dos outros; vendiam as investiduras, e sei lá o que mais. Nós, ao contrário, estamos aqui, vestidos assim, nesta Corte belíssima... - para fazer o quê? nada... Como seis bonecos pendurados na parede, esperando que alguém os pegue, que os faça mexerem assim ou assado e dizerem alguma coisa.

Arialdo
Nada disso, meu caro! Espere aí! É preciso responder á altura! Saber responder à altura! Aí se ele lhe dirige a palavra e você não está preparado para responder como ele quer!

Landolfo
Ah, é! Isto sim, isto sim, é verdade!

Bertoldo
E você não me disse nada! Como é que vou fazer para responder-lhe à altura, se me preparei para fazer Henrique IV da França, e aqui, agora, me aparece um Henrique IV da Alemanha?

Landolfo, Ordulfo, Arialdo tornam a rir.

Arialdo
Eh, é preciso que você dê um jeito nisso agora mesmo!

Ordulfo
Deixe pra lá! Nós o ajudaremos.

Arialdo
Temos tantos livros ali! Será suficiente você dar uma recordada.

Ordulfo
Alguma coisa você deve estar sabendo...

Arialdo Olhe! *(Faz com que se vire e mostra-lhe na parede de fundo o retrato da Marquesa Malilde.)* Quem é, por exemplo, aquela ali?

Bertoldo
(Olhando.) Aquela ali? Eh, vão me desculpar, antes de mais nada acho que algo não está combinando: dois retratos modernos no meio de tantas antiguidades respeitáveis.

Arialdo
Você tem razão. Inclusive, antes não estavam ali. Existem dois nichos atrás dos quadros. Deviam ter colocado lá duas estátuas, esculpidas de acordo com o estilo da época. Ficaram vazios, foram cobertos por aquelas duas telas lá.

Landolfo
(Interrompendo e continuando.) Que não estariam combinando, se fossem realmente quadros.

Bertoldo
E o que são? não são quadros?

Landolfo
Claro, se for trocá-los, são quadros. Mas para ele *(aponta misteriosamente para a direita, aludindo a Henrique IV)* que não os toca...

Bertoldo
Não? Então, o que são para ele?

Landolfo
Oh, repare, é uma interpretação! Mas acho que no fundo está correta. São imagens. Imagens, como... pois é, como aquelas que um espelho poderia refletir, entende? Aquele lá *(aponta o retrato de Henrique IV)* representa ele, vivo, como é, nesta sala do trono, que também é como deve ser, de acordo com o estilo da época. De que você se admira? Se o colocam diante de um espelho, você, por acaso, não vai se ver vivo, como está hoje, vestido com trapos antigos? Pois bem, ali, é como se existissem dois espelhos que refletem imagens vivas, aqui num mundo que - não se preocupe - você verá, verá, vivendo conosco, que vai se reconstituir completamente.

Bertoldo
Oh! Não estou a fim de enlouquecer por aqui.

Arialdo
Que enlouquecer o quê! Você vai é se divertir!

Bertoldo
Oh, me contem, como é que vocês se tomaram tão sabidos assim?

Landolfo
Meu caro, não se volta atrás na história oitocentos anos sem também carregar consigo um pouco de experiência!

Arialdo
Vamos, vamos! Vai ver como em pouco tempo faremos você pegar o jeito da coisa.

Ordulfo
Aí, nesta escola, você também será um sabichão!

Bertoldo
Sim, pelo amor de Deus, me ajudem logo! Dêem, pelo menos, as informações principais.

Arialdo
Deixe conosco! um pouco um, um pouco outro...

Landolfo
Vamos amarrar os fios em você e o deixaremos em ordem, como o mais apto e educado dos fantoches. Vamos, vamos!
Pega-o pelo braço para conduzi-lo para fora.

Bertoldo
(Detendo-se e olhando para o retrato da parede.) Esperem! Não me disseram quem é aquela. A mulher do Imperador?

Arialdo
Não. A mulher do Imperador é Berta de Susa, irmã de Amadeu II de Sabóia.

Ordulfo
E o Imperador, que quer ser jovem como nós, não consegue suportá-la e está pensando em repudiá-la.

Landolfo
Aquela é sua mais feroz inimiga: Matilde, a marquesa de Toscana.

Bertoldo
Ah, entendi, a que hospedou o Papa...

Landolfo
Em Canossa, justamente!

Ordulfo
Papa Gregório VII.

Arialdo
O nosso espantalho! Vamos, vamos!

Dirigem-se os quatro à porta da direita por onde entraram, quando, na porta, à esquerda, aparece o velho copeiro Giovanni, de fraque.

Giovanni
(Apressando-se, ansioso.) Oh! Psiu! Franco! Lolo!

Arialdo
(Parando e virando para trás.) O que você quer?

Bertoldo
(Admirado por vê-lo entrar de fraque na sala do trono.) Oh, Como pode? Ele, aqui dentro?

Landolfo
Um homem do século XX! Fora!

Corre em sua direção e ameaça expulsá-lo de brincadeira com os outros dois.

Ordulfo
Enviado de Gregório VII, fora!

Arialdo
Fora! Fora!

Giovanni
Defendendo-se, aborrecido.) Parem com isso!

Ordulfo
Não. Você não pode pôr os pés aqui dentro!

Arialdo
Fora! Fora!

Landolfo
(Para Bertoldo.) Isso é bruxaria, sabe! É o demônio evocado pelo Mago de Roma! Puxe, puxe a espada!

Ameaça puxar a espada ele também.

Giovanni
(Gritando.) Parem com isso, estou dizendo! Não banquem os loucos comigo! O senhor Marquês chegou acompanhado...

Landolfo
(Esfregando as mãos.) Ah! Excelente! Vieram senhoras?

Ordulfo
(Como acima.) Velhas? Moças?

Giovanni
Vieram dois senhores.

Arialdo
Mas e as senhoras, as senhoras, quem são?

Giovanni
A senhora Marquesa com a filha.

Landolfo
(Admirado.) Oh! Mas como?

Ordulfo
(Como acima.) A Marquesa, você disse?

Giovanni
A Marquesa? A Marquesa?

Arialdo
E os senhores?

Giovanni
Não sei.

Arialdo
(Para Bertoldo.) Vêm nos dar conteúdo, entende?

Ordulfo
Todos enviados de Gregório VII! Vamos nos divertir?

Giovanni
Vão me deixar falar ou não?

Arialdo
Fale! Fale!

Giovanni
Parece que um dos senhores é médico.

Landolfo
Oh! Entendemos, um dos médicos de sempre!

Arialdo
Muito bem, Bertoldo! Você traz sorte!

Landolfo
Vai ver como trabalharemos esse tal doutor!

Bertoldo
Eu acho que, nestas condições, vou-me meter numa bela embrulhada!

Giovanni
Ouçam-me! Querem entrar aqui na sala.

Landolfo
(Admirado e consternado.) Como? Ela? A Marquesa, aqui?

Arialdo
Será mais do que o conteúdo, então!

Landolfo
Será realmente uma tragédia!

Bertoldo
(Curioso.) Por quê? Por quê?

Ordulfo
(Apontando o retrato.) Mas é aquela lá, não está entendendo?

Landolfo
A filha é a noiva do Marquês.

Arialdo
E o que vieram fazer? Pode-se saber?

Ordulfo
Se ele a vir, que desgraça!

Landolfo
Mas quem sabe agora não dê para ele reconhecê-la!

Giovanni
É preciso que vocês, se ele acordar, o mantenham longe daqui.

Ordulfo
Ah, é? Está brincando? E como!

Analdo
Você sabe muito bem como!

Giovanni
Deus do céu, usando a força se for preciso! - Foi assim que me mandaram fazer! Vão indo, vão indo!

Arialdo
Claro, claro, talvez a esta hora já tenha acordado!

Ordulfo
Vamos, vamos!

Landolfo
(Saindo com os outros, para Giovanni.) Mais tarde você irá nos explicar tudo isso!

Giovanni
(Gritando atrás deles.) Fecham aí, e escondam a chave! Desta outra porta também!

Aponta a outra porta à direita. Landolfo, A rialdo e Ordulfo saem pela segunda porta à direita.

Giovanni
(Para os dois valetes.) Saiam, saiam vocês também. Por ali. *(Indica a primeira porta à direita.)*
Fechem a porta, e sumam com a chave!

Os dois valetes saem pela porta à direita. Giovanni dirige-se à porta da esquerda e abre-a para deixar entrar o marquês Di Nolli.

Di Nolli
Deu as ordens direito?

Giovanni
Sim, senhor marquês. Fique sossegado!

Di Nolli torna a sair por um instante para convidar os outros a entrar. Entram primeiro o Barão Tito Belcredi e o doutor Dionisio Genoni, em seguida dona Matilde Spina e sua filha Frida. Giovanni inclina-se e sai. Dona Matilde Spina está perto dos quarenta e cinco; é ainda bela e formosa, embora conserte com demasia evidência os estragos inevitáveis da idade com uma maquiagem carregada mas sábia, que lhe dá uma altiva cabeça de valquiria. Essa maquiagem adquire um relevo particularmente perturbador na medida em que se opõe à expressão belíssima e dolorosa da boca. Viúva há muitos anos, tem por amigo o barão Tito Belcredi, que nunca nem ela nem os outros levaram a sério, pelo menos aparentemente. No fundo, o que Tito Belcredi é para ela, só ele sabe ao certo, e por isso pode rir, se sua amiga precisa fingir que não sabe; rir sempre para responder às risadas que as zombarias da marquesa provocam nos outros as suas custas. Franzino, precocemente grisalho, um pouco mais jovem do que ela, tem uma curiosa cabeça de passarinho. Seria extremamente vivo, se sua flexível agilidade (que faz dele um espadachim bastante temido) não estivesse com que embainhada numa sonolenta indolência de árabe, que se revela na estranha voz um tanto nasal e arrastada. Frida, a filha da marquesa, tem 19 anos. Constrangida na sombra em que a mãe imperiosa e demasiadamente vistosa a mantém, é também atingida, nessa sombra, pela maledicência fácil que a mãe suscita, não tanto em seu prejuízo, quanto em prejuízo da filha. Tem a sorte, porém, de já estar noiva do Marquês Carlo Di Nolli: jovem rígido, muito indulgente para com os outros, mas fechado e firme naquele pouco que acredita poder ser e valer no mundo; ainda que, no fundo, talvez nem ele mesmo o saiba muito bem. De qualquer modo, vive prostrado pelas muitas responsabilidades que acredita pesar sobre ele, de modo que os outros sim, os outros podem falar, que sorte a deles, e divertir-se; ele não, não porque não gostaria, mas por que não pode. Está vestido de luto fechado por causa da morte recente da mãe. O doutor Dionisio Genoni tem o rosto bonito, rubicundo e atrevido de um sátiro; com olhos saltados, barbicha curta e arguta, brilhante como prata: bons modos, quase calvo. Entram

consternados, quase amedrontados, examinando a sala com curiosidade (exceto Di Nolli,), e falam inicia/mente em voz baixa.

Belcredi
Ah, magnífico! Magnífico!

Doutor
Muito interessante! Esse delírio que também se encontra nos objetos! Magnífico, sim, sim, magnifico!

Dona Matilde
(Que passeou os olhos pela sala à procura de seu retrato, descobrindo-o e aproximando-se de.) Ah, lá está ele!

Olhando para o retrato a uma distância conveniente, enquanto surgem nela sentimentos diversos.

Sim, sim... Oh! olhe... Meu Deus...

Chama a filha:

Frida, Frida... Olhe

Frida
Ah, o seu retrato?

Dona Matilde
Que nada! Olhe! Não sou eu, é você, lá!

Di Nolli
Não é verdade? Era o que eu dizia.

Dona Matilde
Nunca teria imaginado!

Estremecendo como que por um arrepio na espinha.

Deus do céu, que sensação!

Depois, olhando para a filha:

E então, Frida?

Aperta-a contra si mesma, enlaçando-a pela cintura com um braço.

Venha! Você, lá, não está se vendo em mim?

Frida
Bem, eu, na verdade...

Dona Matilde
Você não acha? Como não acha?

Virando-se para Belcredi:
Tito, olhem vocês! Digam se não é verdade!

Belcredi
(Sem olhar.) Ah, não, eu não olho! Para mim, *a priori,* não!

Dona Matilde
Que bobo! Ele pensa que está me fazendo um elogio!
Dirigindo-se ao doutor Genoni:
Diga o senhor, doutor!

Doutor
(Tentando se aproximar.)

Belcredi
(De costas viradas, fingindo chamá-lo às escondidas.) Psiu! Não, doutor! Por favor, não se preste a isso!

Doutor
(Confuso e sorridente.) E por que não deveria me prestar?

Dona Matilde
Não lhe dê ouvidos! Venha! É insuportável!

Frida
Ele é bobo de profissão, não sabia?

Belcredi
(Ao Doutor, vendo-o ir.) Olhe seus pés, olhe seus pés, doutor! seus pés!

Doutor
(Como acima.) Meus pés? Por quê?

Belcredi
Tem sapatos de ferro.

Doutor
Eu?

Belcredi
Sim, senhor. E está indo na direção de quatro pezinhos de vidro.

Doutor
(Rindo alto.) Que nada! Não acho que - no final das contas - seja caso de se admirar que uma filha pareça com a mãe...

Belcredi
Pumba! Não disse?

Dona Matilde
(Extremamente irritada, vindo ao encontro de Belcredi.) Por que "pumba"? O que significa? O que ele disse?

Doutor
(Candidamente.) E por acaso não é assim?

Belcredi
(Respondendo à Marquesa.) Disse que não há do que se admirar; e você ficou tão admirada com isso. E por quê, então, desculpe, se a coisa agora para você é tão natural?

Dona Matilde
(Ainda mais irritada.) Bobo! Bobo! Justamente por ser tão natural! Porque não é a minha filha quem está lá!

Aponta o quadro.

Esse aí é o meu retrato! E ver nele minha filha em meu lugar, deixou-me surpresa; e minha surpresa, peço-lhe que me acredite, foi sincera, proíbo que você duvide!

Após esta cena violenta, um momento de silêncio incômodo por parte de todos.

Frida
(Em voz baixa, aborrecida.) Deus meu, é sempre assim... Por qualquer bobagem, uma discussão.

Belcredi
(Também em voz baixa, com o rabo entre as pernas, em tom de desculpa.) Eu não duvidei de nada. Percebi que você, desde o inicio não partilhou da surpresa da sua mãe; ou, se alguma coisa a deixou surpresa, é porque ela achava grande a semelhança entre você e aquele retrato.

Dona Matilde
Pudera! Porque ela não tem condições para reconhecer-se em mim, como era na idade dela, enquanto eu, lá, posso perfeitamente reconhecer-me nela, tal como ela é agora.

Doutor
Certíssimo! Porque um retrato sempre fixa um instante; distante e sem recordações para sua filha; ao mesmo tempo, pode trazer muitas lembranças à senhora marquesa: movimentos, gestos, olhares, sorrisos, muitas coisas que ali não existem...

Dona Matilde
É isso mesmo!

Doutor
(Prosseguindo, voltado para ela.) A senhora, naturalmente, pode revê-las todas vivas, agora, em sua filha.

Dona Matilde
Mas ele sempre faz questão de estragar qualquer abandono meu a um sentimento mais espontâneo, assim, pelo simples prazer de me deixar irritada.

Doutor
(Ofuscado com o próprio brilho, retoma com um tom professoral, dirigindo-se a Belcredi.) A semelhança, caro barão, origina-se muitas vezes de coisas imponderáveis. E assim, de fato, se explica que...

Belcredi
(Para interromper a aula.) Que qualquer pessoa pode até encontrar alguma semelhança entre mim e o senhor, caro professor!

Di Nolli
Deixem disso, façam o favor, deixem disso!
Aponta para as ditas portas à direita para avisar que ali pode ter alguém ouvindo.
Já nos distraímos demais, na vinda para ca.

Frida
Pudera! Quando ele está junto...
Aponta para Belcredi.
Dona Matilde
(Logo.) Não é à toa que eu não queria que ele viesse!

Belcredi
Mas se vocês se divertiram tanto às minhas custas! Que ingratidão!

Di Nolli
Chega, Tito, por favor! O médico está aqui: e viemos para uma coisa muito

séria, que você sabe o quanto me aflige.

Doutor
Pois é. Primeiro, tratemos de esclarecer alguns pontos. Este seu retrato, senhora marquesa, desculpe, como é que ele veio para aqui? A senhora o deu de presente, naquela época?

Dona Matilde
Não, não. Por que razão iria dar-lhe um presente destes? Naquela época eu era como Frida. Nem sequer estava noiva. Emprestei o retrato uns três ou quatro anos depois da desgraça: emprestei-o de tanto a mãe dele insistir.
Aponta Di Nolli.

Doutor
Que era irmão dele?
Aponta para as portas à direita, aludindo a Henrique IV.

Di Nolli
Sim, doutor; e é uma dívida - essa nossa vinda até aqui - é uma dívida para com minha mãe, que me deixou há um mês. Ao invés de estarmos aqui, eu e ela
aponta brida
deveríamos estar viajando...

Doutor
E ocupados com coisas bem diferentes, entendo!

Di Nolli
Pois é! Morreu com a fé inabalável de que a cura de seu adorado irmão estava próxima.

Doutor
E pode me dizer, por favor, em quais indícios se baseava?

Di Nolli
Parece que numa conversa esquisita que ele teve com ela, pouco antes de morrer.

Doutor
Uma conversa? Aí está... É... seria de muita utilidade, sim senhor! de muita utilidade, mesmo, saber como foi!

Di Nolli
Ah, isso eu não sei! Sei que mamãe voltou daquela sua última visita,

angustiada; porque parece que ele foi de uma ternura fora do comum, como se estivesse pressentindo a proximidade da morte dela. Em seu leito de morte, ela me fez prometer que nunca deixaria de cuidar dele; que mandaria que o examinassem...

Doutor
É isso mesmo. Está bem. Vamos ver, vamos ver primeiro... Muitas vezes, as causas mínimas... Este retrato, então...

Dona Matilde
Santo Deus, não acredito, doutor, que se deva dar tanta importância a isso. Fiquei impressionada com ele porque não o via há muitos anos.

Doutor
Por favor, por favor... tenha paciência...

Di Nolli
Claro! Está ali há uns quinze anos...

Dona Matilde
Mais! Mais de dezoito, agora!

Doutor
Por favor, tenham a bondade; se nem mesmo sabem o que eu quero perguntar! Eu ponho muita fé, muita mesmo, nesses dois retratos, executados, acredito, antes da famosa - e infelicíssima - cavalgada; não é verdade?

Dona Matilde
É, certamente!

Doutor
Quando, então, ele estava em seu perfeito juízo, - é isso o que eu queria dizer! - Foi ele quem propôs à senhora mandar fazê-lo?

Dona Matilde
Não, doutor, o que é isso? Muitos dos que tomaram parte na cavalgada também mandaram fazer. Assim, para ficar com uma lembrança.

Belcredi
Eu também mandei fazer o meu, de “Charles D’Anjou”!

Dona Matilde
Logo que as fantasias ficaram prontas.

Belcredi
Sabe? houve uma proposta de juntar a todos, para lembrança, como numa galeria, no salão da casa, onde se deu a cavalgada. Mas depois cada um quis ficar com o seu.

Dona Matilde
E o meu, como lhe disse, eu o emprestei - sem muito pesar também - porque a mãe dele...

Doutor
Por acaso sabe se foi ele quem pediu?

Dona Matilde
Não tenho idéia! Quem sabe... Ou quem sabe se foi a irmã, para agradá-lo, por carinho...

Doutor
Mais uma coisa, mais uma coisa! A idéia da cavalgada, foi ele quem teve?

Belcredi
(Rápido.) Não, não, fui eu! fui eu!

Doutor
Por favor...

Dona Matilde
Não lhe dê ouvidos. Foi idéia do pobre Belassi.

Belcredi
Que Belassi que nada!

Dona Matilde
(Ao doutor.) O conde Belassi, que faleceu, coitado, dois ou três meses depois.

Belcredi
Mas se o Belassi nem estava lá, quando...

Di Nolli
(Aborrecido com a ameaça de uma nova discussão.) Desculpe, doutor, é mesmo necessário estabelecer quem teve a idéia?

Doutor
Para falar a verdade, me serviria para...

Belcredi
Mas fui eu quem teve a idéia! Oh, essa é boa! Não teria do que me vangloriar, visto o que aconteceu depois, tenham paciência! Olhe, doutor, foi - me lembro disso muito bem -, foi numa noite no começo de novembro, no Clube. Estava folheando uma revista ilustrada, alemã *(olhava apenas as figuras, claro, porque não entendo alemão)*. Numa delas estava o Imperador, numa cidade universitária que eu não sei qual seja, onde tinha sido estudante.

Doutor
Bonn, Bonn.

Belcredi
Bonn, que seja. Paramentado, a cavalo, com um dos estranhos trajes tradicionais das antigas associações estudantis da Alemanha; acompanhado de um cortejo de outros estudantes nobres, também a cavalo e nos mesmos trajes. A idéia me surgiu daquela ilustração. Pois deve saber que no Clube andava-se pensando em fazer uma grande mascarada para o próximo carnaval. Propus essa cavalgada histórica; histórica por assim dizer: babélica, isto sim. Cada um de nós devia escolher uma personagem para representar, de qualquer época: rei ou imperador, ou príncipe, acompanhado de sua dama, rainha ou imperatriz, a cavalo. Cavalos bem ajaezados, claro, segundo o costume da época. E a proposta foi aceita.

Dona Matilde
O convite que recebi veio do Belassi.

Belcredi
Apropriação indébita, se lhes disse que a idéia era dele. Estou dizendo, ele nem estava no Clube aquela noite, quando fiz a proposta. Como, de resto, nem mesmo ele estava!

Alude A Henrique IV

Doutor
E então ele escolheu a personagem de Henrique IV?

Dona Matilde
Porque eu - induzida à escolha pelo meu próprio nome - assim, sem pensar muito no assunto - falei que queria ser a Marquesa Matilde de Toscana.

Doutor
Não... não estou entendendo bem a relação...

Dona Matilde
Pois é! Nem eu, no começo, quando vi que ele me respondia que então iria pôr-se a meus pés, como Henrique IV em Canossa. Claro, sabia de Canossa; mas, para falar a verdade, não lembrava direito do episódio; pelo contrário, tive uma impressão curiosa quando ensaiava para representar meu papel e me vi como fiel e zelosa amiga do Papa Gregório VII, em luta acirrada contra o império alemão. Só então entendi por que, tendo eu escolhido para interpretar a personagem de sua implacável inimiga, ele fez questão de ficar ao meu lado, naquela cavalgada, com Henrique IV.

Doutot
Ah! Por que talvez...?

Belcredi
Meu Deus, Doutor, porque ele, naquela época, fazia-lhe uma corte cerrada, e ela...
Aponta a Marquesa.
naturalmente...

Dona Matilde
(Picada, inflamada.) Naturalmente, claro! naturalmente! E naquela época mais do que nunca "naturalmente"!

Belcredi
(Mostrando-a.) Pois é: não podia suportá-lo.

Dona Matilde
Não é verdade! Não tinha nenhuma antipatia por ele. Muito pelo contrário! Mas para mim, é só alguém querer ser levado a sério...

Belcredi
(Prosseguindo.) Dá-lhe a prova mais evidente de sua estupidez!

Dona Matilde
Não, meu caro. Não nesse caso. Porque ele não era idiota como você. Eu nunca pretendi que me levasse a sério!

Dona Matilde
Não tenho a menor dúvida! Com ele, não se podia brincar.
Num outro tom, dirigindo-se ao médico:
Entre as muitas desgraças, acontece, caro doutor, a nós mulheres, vermos pela frente, de vez em quando, dois olhos que nos fitam com uma promessa contida, intensa, de sentimento duradouro!

Cai numa risada estridente.
Nada de mais engraçado! Se os homens pudessem se ver com esse "duradouro" no olhar... Sempre ri disso! E naquela época mais do que nunca. - Mas preciso fazer uma confissão: agora eu posso, depois de mais de vinte anos. - Quando ri dele assim, foi por medo também. Porque talvez numa promessa daqueles olhos desse para acreditar. Mas teria sido muito perigoso.

Doutor
(Interessadíssimo, concentrando-se.) Isso, isso - isso me interessaria muito saber. - Muito perigoso?

Dona Matilde
(Com leviandade.) Justamente por que não era como os outros! E visto que eu também... sim, digamos, sou... sou um pouco assim... mais do que um pouco, para falar a verdade...
procura uma palavra modesta
- intolerante, pronto, intolerante em relação a tudo que é compenetrado e tão sufocante! - Mas naquele tempo eu era muito jovem, entende? e mulher: tinha que me conter. - Teria precisado de uma coragem que eu não sentia. - E ri dele também. Senti remorso, aliás, fiquei despeitada comigo mesma, realmente, depois, quando vi que meu riso se confundia com o riso dos outros - uns bobos - que zombavam dele.

Belcredi
Mais ou menos assim, como de mim.

Dona Matilde
Você provoca o riso com este seu jeito de se rebaixar sempre, meu caro, ele não, pelo contrário! Há uma grande diferença. - E depois, de você, qualquer um ri na sua cara!

Belcredi
Pois eu acho melhor do que rir pelas costas!

Doutot
Voltemos, vamos ao ponto! - Então, pelo que pude entender, ele já era um tanto exaltado!

Belcredi
Sim, mas de um jeito tão engraçado, doutor!

Doutor
Como assim?

Belcredi
E, eu diria... a frio...

Dona Matilde
Que a frio que nada! Era assim, doutor. Um pouco esquisito, não há dúvida; mas porque era cheio de vida: inspirado!

Belcredi
Não digo que simulasse a exaltação. Aliás, pelo contrário: exaltava-se de verdade com freqüência. Mas poderia jurar, doutor, que, ele mesmo, se via no ato da própria exaltação, é isso. E acho que isso devia acontecer-lhe a cada gesto mais espontâneo. Digo mais: tenho certeza que devia sofrer por isso. As vezes tinha acessos de raiva engraçadíssimos contra si próprio!

Dona Matilde
Isso é verdade!

Belcredi
(Para Dona Matilde.) E por que acessos? *(Para o doutor.)* Na minha opinião, é porque aquela lucidez súbita da representação, de repente, tirava-o de qualquer intimidade com seu próprio sentimento, que lhe parecia - não fingido, porque ele era sincero - mas como algo a que devesse atribuir na hora o valor... que sei eu? de um ato de inteligência, para suprir aquele calor da sinceridade cordial, que sentia faltar-lhe. E improvisava, exagerava, deixava-se levar, é isso, para ficar aturdido e não mais se enxergar. Parecia inconstante, leviano e... claro, tem de ser dito, às vezes até ridículo.

Doutor
E... diga, insociável?

Belcredi
Não, que nada! Ele bem que topava tudo. Organizador famoso de cenas vivas, de bailes, de espetáculos beneficentes; coisa de amador, é claro! Mas representava muitíssimo bem, sabe?

Di Nolli
E com a loucura tomou-se um ator magnífico e terrível!

Belcredi
Mas já o era desde o inicio! Imagino que, quando aconteceu a desgraça, depois que caiu do cavalo...

Doutor
Bateu a nuca, não é verdade?

Dona Matilde
Ai, que horror! Estava ao meu lado! Eu o vi entre os cascos do cavalo empinado...

Belcredi
No inicio a gente não acreditou que tivesse se machucado muito. Claro, houve uma interrupção, uma certa confusão na cavalgada; queriam ver o que tinha acontecido; mas ele já tinha sido recolhido e transportado para a casa.

Dona Matilde
Nada, acredita? Não houve o menor ferimento! Uma gota de sangue sequer!

Belcredi
(Para Dona Matilde.) Achamos que tinha apenas desmaiado... Mas quando, umas duas horas depois...

Belcredi
Pois é, tornou a aparecer no salão da casa - era justamente isso que eu queria dizer...

Dona Matilde
Que cara ele tinha! Logo percebi!

Belcredi
Que nada! O que está dizendo?! Ninguém percebeu coisa alguma, doutor, entende?

Dona Matilde
Pudera! Pareciam todos uns loucos!

Belcredi
Cada um brincava de representar o seu papel! Era uma verdadeira balbúrdia!

Dona Matilde
O senhor imagina, doutor, que susto quando compreendemos que ele estava representando seu papel de verdade?

Doutor
Ah, porque ele também, então...?

Belcredi
Claro que sim! Veio juntar-se à gente. Achamos que tivesse se recuperado e que ele também tivesse começado a representar, como nós... melhor que nós, porque - como lhe disse - ele era ótimo! Enfim, que estivesse brincando.

Dona Matilde
Começaram a provocá-lo...

Belcredi
E então... - estava armado - feito um rei - puxou a espada e investiu contra dois ou três. Foi um momento de terror geral.

Dona Matilde
Nunca esquecerei aquela cena, de nossos rostos mascarados, transtornados, chocados diante da terrível máscara dele, que de máscara não tinha mais nada, era a Loucura!

Belcredi
Henrique IV, pois é! O próprio Henrique IV em pessoa, num momento de furor!

Dona Matilde
Eu acho, doutor, que a obsessão daquela representação deve ter influído. Ele ficou mais de um mês com essa obsessão. Ele ficava obcecado por tudo o que fazia!

Belcredi
O que ele estudou para se preparar! Até os mínimos detalhes... as minúcias...

Doutor
Ah, é por isso! O que era obsessão momentânea fixou-se com a queda e a pancada na nuca, que determinaram o desajuste cerebral. Fixou-se e para sempre. Pode-se ficar bobo, pode-se ficar louco. *(Para Frida e para Di Nolli)* Estão vendo só que brincadeiras, meus amiguinhos?

Para Di Nolli:

Você tinha quatro ou cinco anos.

Para Frida.

Sua mãe acha que você a substituiu lá naquele retrato, pintado quando nem de longe pensava em lhe dar á luz; eu já estou com os cabelos grisalhos; e ele - veja só -

Aponta o retrato.

Paf! uma batida na nuca - e nunca mais saiu de lá: Henrique IV. *(Que ficara absorto, meditando, abre as mãos diante do rosto como que para concentrar a atenção alheia, e prepara-se para dar sua explicação científica.)* É isso, é isso,

então, meus senhores: é exatamente isso...

Mas, de repente, abre-se a primeira porta à direita – a mais próxima da ribalta - e aparece Bertoldo com o rosto completamente alterado.

Bertoldo
(Irrompendo como se não pudesse mais se conter.) Com licença? Desculpem...

Detém-se de chofre, porém, devido à confusão que seu aparecimento imediatamente suscita nos outros.

Frida
(Com um grito de susto, protegendo-se.) Oh, meu Deus! Lá vem ele!

Dona Matilde
(Retrocedendo assustada, com um braço erguido para não vê-lo) É ele, é ele?

Di Nolli
(Rápido.) Não. Não é não. Sosseguem!

Doutor
(Surpreso.) E quem é, então?

Belcredi
Alguém que escapou da nossa mascarada!

Di Nolli
É um dos quatros moços que mantemos aqui, para atender a loucura dele.

Bertoldo
Sinto muito, senhor Marquês...

Di Nolli
Mas que sente muito o quê! Dei ordens para que as portas fossem trancadas a chave, e que ninguém entrasse aqui!

Bertoldo
Sim senhor! Mas eu não agüento isso! E peço-lhe permissão para ir embora.

Di Nolli
Ah, você é aquele que devia entrar em serviço, hoje de manhã? Sim, senhor, e lhe digo que não estou agüentando...

Dona Matilde
(Para Di Nolli com viva consternação.) Mas então ele não é tão manso como

você dizia?

Bertoldo
(Rápido.) Não, não, senhora! Não é ele! São os meus três companheiros! O senhor falou "atender", senhor Marquês? Qual nada! Eles não atendem: os verdadeiros loucos são eles! Estou vindo aqui pela primeira vez; e, ao invés de me ajudarem, senhor Marquês...

Surgem pela mesma porta à direita Landolfo e Arialdo, apressados, ansiosos, mas parando diante da poria antes de prosseguir.

Landolfo
Com licença?

Arialdo
Com licença, senhor Marquês?

Di Nolli
Entrem! Mas o que foi, afinal? O que estão fazendo?

Frida
Deus do céu, eu vou embora, eu vou embora: estou com medo!

Dá uns passos em direção à porta da esquerda.

Di Nolli
(Segurando-a imediatamente.) Não, Frida!

Landolfo
Senhor Marquês, este bobo...

indica Bertoldo.

Bertoldo
(Protestando.) Ah, não, muito obrigado, meus caros! Nessa eu não entro! não entro, mesmo!

Landolfo
Mas como não entra?

Arialdo
Ele estragou tudo, senhor Marquês, escapando para cá!

Landolfo
Deixou-o furioso! Não está dando para segurá-lo onde está. Deu ordem para detê-lo, e quer "julgá-lo" imediatamente no trono! - Que Vamos fazer?

Di Nolli
Fechem! O que estão esperando? Vão fechar aquela porta!
Landolfo vai fechá-la.

Arialdo
Ordulfo sozinho não vai conseguir segurá-lo...

Landolfo
Pois é, senhor Marquês; se fosse possível, pelo menos, anunciar logo a vossa visita, para fazê-lo pensar em outra coisa. Se os senhores já pensaram com que trajes vão se apresentar...

Di Nolli
Sim, sim, pensamos em tudo!
Para o Doutor:
Se o senhor, doutor, acha que pode examiná-lo agora mesmo...

Frida
Eu não, eu não, Carlo! Eu me retiro. E você também, mamãe, pelo amor de Deus, venha, venha comigo!

Doutor
Quer dizer... será que ele não anda mais armado?

Di Nolli
Não! que armado que nada, doutor!
Para Frida:
Desculpe, Frida, mas esse medo é muito infantil! Você quis vir...

Frida
Eu não, por favor: foi mamãe!

Dona Matilde
(Decidida.) Pois eu estou pronta! Afinal, o que temos que fazer?

Belcredi
Desculpem, é mesmo necessário que nos disfarcemos de algum modo?

Landolfo
É indispensável! indispensável, senhor! Eh, infelizmente, ele nos vê...
mostra seu traje.
Seria uma desgraça se ele visse os senhores vestidos assim, com trajes de hoje.

Arialdo
Iria pensar num disfarce diabólico.

Di Nolli
Assim como para vocês eles parecem fantasiados, para ele, com estas roupas, parecemos nós os fantasiados.

Landolfo
E, quem sabe, não seria nada de mais, senhor Marquês, se não fosse achar que era por obra de seu inimigo mortal.

Belcredi
O Papa Gregório VII?

Landolfo
Justamente! Diz que ele era um "pagão"!

Belcredi
O papa? Nada mal, hein?!

Landolfo
Sim, senhor. E que evocava os mortos! Acusa-o de todas as artes diabólicas. Morre de medo dele.

Doutor
O delírio da perseguição!

Arialdo
Ficaria furioso!

Di Nolli
(Para Belcredi.) Não é necessário que você esteja presente, ouça. Nós iremos até lá. Basta que o doutor o veja

Doutor
Quer dizer... eu sozinho?

Dinolli
Mas tem eles!
Mostra os três moços.

Doutor
Não, não... estou dizendo, se a senhora Marquesa...

Dona Matilde
Mas, claro! Eu também quero estar presente. Quero sim! Quero tomar a vê-lo.

Frida
Mas por que, mamãe? Peço-lhe... Venha conosco!

Dona Matilde
(Imperiosa.) Não insista. Eu vim para isso mesmo!
Para Landolfo:
Eu serei "Adelaide", a mãe.

Landolfo
Muito bem. A mãe da imperatriz Berta, muito bem! Então, basta que a senhora coloque a coroa ducal e vista um manto que a cubra inteiramente.
Para Arialdo:
Anda, anda, Arialdo!

Arialdo
Espere: e o senhor?
Apontando para o médico.
Ah, sim... combinamos, parece-me, o Bispo... o Bispo Hugo de Cluny.

Arialdo
O senhor quer dizer o Abade? Muito bem: Hugo de Cluny.

Landolfo
Já veio aqui muitas vezes...

Doutor
(Surpreso.) Como, já veio?

Landolfo
Não tenha medo. Quero dizer que, sendo um disfarce fácil..

Arialdo
Foi usado outras vezes.

Doutor
Mas...

Landolfo
Não tem perigo de que se lembre. Repara mais na roupa do que na pessoa.

Dona Matilde
Isso é bom para mim também, então.

Di Nolli
Nós vamos sair, Frida. Venha, venha conosco, Tito!

Belcredi
Ah não: se ela fica...
indica a Marquesa.
eu também fico.

Dona Matilde
Mas eu não preciso nem um pouco de você!

Belcredi
Não digo que precise. Eu também faço questão de revê-lo. Será que não posso?

Landolfo
Sim, talvez fosse melhor que ficassem os três.

Arialdo
E então, o senhor?

Belcredi
Pois é, trate de arranjar um disfarce fácil para mim também.
(Para Arialdo.) Claro: de cluniacense.

Belcredi
Cluniacense? Como seria?

Landolfo
Uma túnica de beneditino da Abadia de Cluny. Fará parte do séquito do Monsenhor.
Para Arialdo:
Anda, anda!
Para Bertoldo:
E você também, pode sair. E não me apareça pelo resto do dia!
Porém, mal os vê saindo...
Esperem!
Para Bertoldo:
Traga você as roupas que ele vai lhe entregar.
Para Arialdo:
E você, vá depressa anunciar a visita da "Duquesa Adelaide" e do "Monsenhor

Hugo de Cluny". Combinado?

Arialdo e Beroldo saem pela primeira poria à direita.

Di Nolli
Então, nós agora vamos nos retirar.

Sai com Frida pela porta à esquerda.

Doutor
(Para Landolfo.) Penso que me verá com bons olhos nas vestes de Hugo de Cluny.

Landolfo
Claro que sim. Fique sossegado. Monsenhor sempre foi recebido aqui com muito respeito. E a senhora também, fique sossegada, senhora Marquesa. Ele vive lembrando que deve à intercessão de ambos se, depois de dois dias de espera, em plena neve, já quase enregelado, foi admitido no castelo de Canossa em presença de Gregório VII que não queria recebê-lo.

Belcredi
Desculpem, mas e eu?

Landolfo
O senhor se mantenha respeitosamente apartado.

Dona Matilde
(Irritada, muito nervosa.) Seria bom que fosse embora.

Belcredi
(Em voz baixa, irritadiço.) Você está muito emocionada...

Dona Matilde
(Altiva.) Estou como estou! Deixe-me em paz.

Bertoldo retorna com os trajes.

Landolfo
(Vendo-o entrar.) Ah, aqui estão os trajes! - Este manto, para a Marquesa.

Dona Matilde
Esperem, vou tirar o chapéu.

Tira-o e entrega-o a Bertoldo.

Landolfo
Leve-o para lá.

Depois para a Marquesa, tentando colocar-lhe a coroa ducal na cabeça:

A senhora dá licença?

Dona Matilde
Por Deus, não há um espelho aqui?

Landolfo
Estão lá.

Indica a porta à esquerda.

Se a senhora Marquesa quiser se arrumar sozinha...

Dona Matilde
Sim, sim, é melhor, me dê aqui: volto num instante.

Pega novamente o chapéu e sai com Bertoldo que carrega o manto e a coroa. Neste ínterim, Belcredi e o Doutor vestirão de qualquer jeito e sozinhos as túnicas de beneditinos.

Belcredi
Para falar a verdade, nunca pensei que fosse dar uma de beneditino. Oh, quer dizer: é uma loucura que custa rios de dinheiro!

Doutor
Pois é! Outras loucuras também, para dizer a verdade...

Belcredi
Quando, para auxiliar, tem-se à disposição um patrimônio...

Landolfo
Sim, senhor. Temos ali um guarda-roupa inteiro, tudo trajes de época, feitos com perfeição, baseados em modelos antigos. Sou eu quem cuida disso: encomendo em confecções para teatro realmente competentes. Gasta-se muito.

Dona Matilde
(Volta a entrar, envergando o manto e a coroa.)

Belcredi
(Rápido, admirando-a.) Ah, magnifica! Parece mesmo uma rainha!

Dona Matilde
(Vendo Belcredi e caindo na gargalhada.) Meu Deus! Essa não! Tire isto! Você não tem jeito! Parece um avestruz de batina!

Belcredi
Olhe o Doutor, então!

Doutor
Eh, paciência... paciência.

Dona Matilde
Não, o doutor até que não está mal... Você, realmente, é de morrer de rir!

Doutor
(Para Landolfo.) Quer dizer então que se recebem muitas visitas por aqui?

Landolfo
Varia. Muitas vezes ordena que esta ou aquela personagem se apresente. E aí, é preciso procurar alguém que tope a coisa. Até mesmo mulheres...

Dona Matilde
(Ferida, e não querendo aparentar.) Ah! Mulheres também?

Landolfo
Ah, é, antes, sim... Muitas.

Belcredi
(Rindo.) Esta é boa! Com essas roupas?
Indicando a Marquesa.
Assim?

Landolfo
Como dizer? Mulheres, daquelas que...

Belcredi
Que topam a coisa, entendi!
Pérfido, à Marquesa:
Tome cuidado, está ficando perigoso para você.
Abre-se a segunda porta à direita e surge Arialdo que, discretamente, faz um sinal para cessar a conversa na sala, e depois anuncia solenemente:

Arialdo
Sua Majestade o Imperador!
Primeiro entram os dois Valetes que vão se postar aos pés do trono. Depois, ladeado por Ordulfo e A ria/do que se mantêm respeitosamente alguns passos atrás, entra Henrique IV . Está perto dos cinquenta anos, muito pálido, e

já grisalho na parte *de trás da cabeça; nas têmporas e na fronte, ao contrário, está loiro, por causa de uma tintura quase infantil, gritante; e tem a maçã do rosto, em meio* à *trágica palidez, pintadas de vermelho, como uma boneca, e também bastante gritantes. Veste por cima do traje real uma túnica de penitente, como em Canossa. Tem nos olhos uma fixidez atroz, que assusta; em contraste com a postura que pretende ser de humildade e arrependimento, muito mais ostentada quanto mais sente que essa humilhação é imerecida. - Ordulfo segura com ambas as mãos a coroa imperial. Arialdo o cetro com a Águia e o globo com a Cruz.*

Henrique IV
(Inclinando-se primeiro para Dona Matilde, depois para o doutor.) Madame... Monsenhor...

Depois olha para Belcredi e ameaça inclinar-se para ele também, mas vira-se para Landolfo que se aproximara e pergunta em voz baixa com desconfiança.
É Pedro Damiani?

Landolfo
Não, Majestade, é um monge de Cluny que veio acompanhando o Abade.

Henrique IV
(Torna a examinar Belcredi com desconfiança crescente e, ao notar que este se volta atônito e embaraçado para Dona Matilde e para o Doutor, como que lhes pedindo conselhos com os olhos, endireita-se e grita.) É Pedro Damiani! - Padre não adianta olhar para a Duquesa!

Virando-se rápido para Dona Matilde, como que esconjurando um perigo:
Juro-lhe, juro-lhe, Madame, que mudei minha vontade em relação à sua filha! Confesso que se ele

indica Belcredi
não tivesse vindo me impedir em nome do Papa Alexandre, eu a teria repudiado. Sim: havia quem se prestasse a apoiar o repúdio: o bispo de Magôncia, por cento e vinte propriedades.

Olha de soslaio para Belcredi, um pouco confuso, e logo diz:
Mas agora eu não devo falar mal dos bispos.

Volta com humildade para diante de Belcredi:
Sou-lhe grato, acredite, sou-lhe grato, agora, Pedro Damiani, por este impedimento! - Minha vida inteira é feita de humilhações: - minha mãe, Adalberto, Tribur, Goslar - e agora esta túnica que me vê vestindo.

Muda o tom repentinamente e fala com alguém que, num parêntese de astúcia, repete para si mesmo o papel:
Não importa! Clareza de idéias, perspicácia, firmeza de caráter e paciência

quando a sorte é adversa!

Em seguida, dirige-se a todos e diz com gravidade e pesar:

Sei reparar os erros cometidos; e diante do senhor também, Pedro Damiani, eu me prostro!

Inclina-se profundamente e permanece ali, curvado diante dele, como que dobrado por uma suspeita oblíqua que agora lhe surge e que o faz acrescentar, corno que contra a vontade, em tom ameaçador:

Se é que não partiu do senhor o boato obsceno de que minha santa mãe, Agnes, mantém relações ilícitas com o bispo Henrique de Augsburgo!

Belcredi

(Como Henrique IV continua curvado, com o dedo apontando ameaçadoramente contra ele, põe as mãos no peito, negando.)

Não... de mim, não..

Henrique IV

(Endireitando-se.) Não, não é verdade? Infâmia!

Perscruta-o durante um instante e depois diz:

Não creio que seja capaz disso.

Aproxima-se do Doutor e puxa-lhe de leve a manga, piscando maliciosarnente.

São "eles"! Os mesmos de sempre, Monsenhor!

Arialdo

(Baixo, com um suspiro, como que sugerindo ao Doutor.) Ah, é, os bispos raptores.

Doutor

(Aproveitando a deixa, virado para A ria/do.) Eles, pois é... eles...

Henrique IV

Nada foi o bastante para eles! - Um pobre menino, Monsenhor... Passa-se o tempo, brincando - mesmo quando, sem saber, se é rei. Tinha seis anos e me raptaram à minha mãe, e serviram-se de mim, ignaro, contra ela e contra os poderes da Dinastia, profanando tudo, roubando, roubando; um mais ávido do que o outro: Hanão mais do que Estevão, Estevão mais do que Hanão.

Landolfo

(Em voz baixa, persuasivo, para chamá-lo a si.)

Majestade...

Henrique IV

(Virando-se imediatamente.) Ah, pois é! Não devo falar mal dos bispos neste

momento. - Mas esta infâmia sobre minha mãe, Monsenhor, ultrapassa as medidas!

Olha para a Marquesa e se enternece.

E não posso sequer pranteá-la, Madame. - Dirijo-me à senhora, que tem coração de mãe. Vieram aqui me procurar, de seu convento, deve estar fazendo um mês. Disseram-me que tinha morrido.

Pausa prolongada, densa de emoção. Em seguida, sorrindo tristemente.

Não posso pranteá-la, porque se neste momento a senhora está aqui e eu estou assim,

mostra a túnica que veste,

significa que tenho vinte e seis anos.

Arialdo

(Quase à *meia voz, suavemente, para confortá-lo.)* E que portanto ela está viva, Majestade.

Ordulfo

(Como acima.) Ainda está no convento.

Henrique IV

(Vira-se, olhando para eles.) Pois é; então posso deixar a dor para mais tarde.

Mostra à Marquesa, com um certo coquetismo, os cabelos tingidos:

Repare: loiros ainda...

Depois baixo; corno que confidenciando:

Para a senhora! - Eu não precisaria disso. Mas é sempre bom um sinal exterior. As marcas do tempo, não é mesmo, Monsenhor?

Torna a se aproximar da Marquesa, observando-lhe os cabelos.

Eh, mas eu estou vendo que... a senhora também, Duquesa...

Pisca um olho e faz um sinal expressivo *com a mão:*

Eh, italiana...

como que dizendo: fingida, mas sem sombra de desprezo, antes com maliciosa admiração:

Deus me livre de demonstrar desgosto ou admiração por isso. -Veleidades! - Ninguém gostaria de reconhecer aquele certo poder obscuro e fatal que impõe limites à vontade. Mas, digo, a gente nasce e a gente morre! - Nascer, Monsenhor: o senhor quis nascer? Eu não. - E entre um acontecimento e outro, ambos independentes da nossa vontade, acontecem tantas coisas que não gostaríamos que acontecessem, e às quais nos resignamos a contragosto!

Doutor

(Só para dizer algo, enquanto o estuda atentamente) Pois é, infelizmente!

Henrique IV
Então: quando nos resignamos, surgem à tona as veleidades. Uma mulher que quer ser um homem ... um velho que quer ser moço... -Nenhum de nós mente ou finge! - Não há muito o que dizer: é em boa fé que nos fixamos num bom conceito de nós mesmos. Porém, Monsenhor, enquanto o senhor se mantém firme, agarrado com as duas mãos a este santo hábito, daqui, de suas mangas, desliza, serpenteia como uma cobra alguma coisa que o senhor nem percebe. É a vida, Monsenhor! e é uma surpresa, vê-la de repente tomar corpo à sua frente, e ir se esquivando do senhor; raivas e rancores contra si mesmo; ou remorsos; remorsos também. Ah, se soubesse, eu me deparei com muitos à minha frente! Com uma cara que era a minha própria cara, mas tão horrível, que nem pude olhar para ela...

Torna a se aproximar da Marquesa.

Nunca aconteceu com a senhora, Madame? A senhora se lembra de ter sido sempre a mesma? Oh Deus, mas um dia... - como é? como é que pôde fazer uma coisa daquelas...

Fie afim nos olhos tão penetrantemente a ponto de quase fazê-la desmaiar:

- sim, "daquelas", justamente! - nós nos entendemos. *(Oh, fique sossegada que não revelarei nada a ninguém.)* E que o senhor, Pedro Damiani tivesse a coragem de ser amigo daquele...

Landolfo
(Como acima.) Majestade...

Henrique IV
(Rápido.) Não, não, não vou pronunciar o nome dele! Sei que fica contrariado.

Virando-se para Belcredi, como que de relance:

Que opinião, hein? que opinião tinha o senhor a respeito... - Mas todos, entretanto, continuamos apegados ao nosso conceito, assim como quem envelhece tinge os cabelos. O que importa se esta minha tintura não pode ser, para os senhores, a cor verdadeira dos meus cabelos? - A senhora, Madame, certamente não os tinge para enganar os outros ou a si mesma; mas somente para enganar um pouco - um pouquinho de nada - a sua imagem diante do espelho. Eu faço isso de brincadeira. A senhora o faz a sério. Mas eu lhe garanto que por mais sério que seja, a senhora também se fantasia, Madame; e não falo pela venerável coroa que lhe cinge a testa, e diante da qual me inclino, ou por seu manto ducal; falo somente por essa lembrança de quando era loira e que a senhora quer fixar em si artificialmente, de um dia em que gostou de si própria; ou da lembrança de quando era morena, se era morena: a imagem de sua juventude que vai desaparecendo. Para o senhor, Pedro Damiani, ao contrário, a lembrança daquilo que foi, daquilo que fez, parece agora o reconhecimento de realidades passadas, que continuam dentro do senhor - não é verdade? - como

um sonho. E para mim também - como um sonho - e muitas realidades, inexplicáveis se volto a pensar nisso... - No entanto... Não se espante, Pedro Damiani; será assim amanhã a nossa vida de hoje!

Enfurecendo-se de repente e agarrando a túnica que veste:

Esta túnica!

Com alegria quase feroz, fazendo menção de arrancá-la, enquanto Arialdo, Ordulfo correm logo assustados, como que para detê-lo.

Ah, por Deus!

Afasta-se e, tirando a túnica, grita-lhes:

Amanhã, em Bressanone, vinte e sete bispos alemães e lombardos assinarão comigo a destituição do Papa Gregório VII: não Pontífice, nas falso monge!

Ordulfo

(Com os outros dois, incitando-o a calar-se.) Majestade, Majestade, em nome de Deus!

Arialdo

(Convidando-o com gestos a vestir novamente a túnica.) Cuidado com o que diz!

Landolfo

Monsenhor está aqui, junto com a Duquesa, para interceder em seu favor.

E às escondidas faz sinais prementes ao Doutor para que diga logo alguma coisa.

Doutor

(Confuso.) Ah, pois é... claro... Estamos aqui para interceder... *(Logo arrependido, quase assustado deixando os três colocarem-lhe a túnica nos ombros e apertando-a no corpo com as mãos convulsas.)* Perdão... sim, sim... perdão, perdão, Monsenhor; perdão, Madame... Estou sentindo, juro-lhes, estou sentindo todo o peso do anátema!

Curva-se, segurando a cabeça entre as mãos, com que à espera de algo que deva esmagá-lo: e fica um pouco assim, mas depois com voz diferente, porém sem perder a pose, diz baixo, confidenciando a Landolfo, a Arialdo e *a Ordulfo:*

Mas eu não sei por que, hoje não consigo ser humilde diante desse aí!

E aponta Belcredi, como que às escondidas.

Landolfo

(À meia voz.) Isso, Majestade, porque o senhor teima em acreditar que é Pedro Damiani, quando não é!

Henrique IV
(Olhando de soslaio, com medo.) Não é Pedro Damiani?

Arialdo
Claro que não, majestade, é um pobre monge.

Henrique IV
(Desolado, com melancólica exasperação.) Eh, nenhum de nós pode avaliar aquilo que faz, quando faz por instinto... Quem sabe a senhora, Madame, pode me entender melhor que os outros, porque é mulher. Este é um momento solene e decisivo. Olhem, poderia, agora mesmo, enquanto converso com os senhores, aceitar os auxílios dos bispos lombardos e apoderar-me do Pontífice, cercá-lo ali no Castelo; ir correndo a Roma para eleger um antipapa; estender a mão à aliança com Robert Guiscard. - Gregório VII estaria perdido! - Resisto à tentação e creiam que estou agindo corretamente. Sinto a aura dos tempos e a majestade de quem sabe ser como deve ser: um Papa! - Os senhores sentiriam vontade de rir, vendo-me assim? Seria tolice de vossa parte, porque não entenderiam que sabedoria política me aconselha agora este hábito de penitência. Digo-lhes que, amanhã, os papéis poderiam ser invertidos! E o que fariam, então? Por acaso iriam rir do Papa em vestes de prisioneiro? - Não. - Seríamos iguais. - Hoje, eu fantasiado de penitente; amanhã, ele de prisioneiro. Mas ai de quem não sabe portar a sua máscara, seja de Rei, seja de Papa. Talvez, para ele isso seja por demais cruel: isto sim. Pense, Madame, que Berta, sua filha, em relação a quem, repito-lhe, minha atitude mudou.

vira-se repentinamente para Belcredi e grita-lhe na cara, com se ele tivesse dito que não:

- mudou, mudou, pelo afeto e devoção de que soube me dar provas neste momento terrível!

Detém-se, convulso, pelo acesso de raiva, e faz força para se conter, com um gemido de exasperação na garganta; depois dirige-se novamente à Marquesa com suave e sentida humildade.

Veio comigo, Madame; está lá em baixo no pátio; quis me seguir como uma mendiga, e está morta de frio, por causa de duas noites ao ar livre, debaixo de neve! A senhora é mãe dela! Deveria se compadecer de todo coração e implorar com ele,

aponta o Doutor

o perdão do Pontífice: que nos receba!

Dona Matilde
(Trêmula, com um fio de voz.) Sim, claro, logo, logo...

Doutor
Faremos isto, faremos isto!

Henrique IV
E mais uma coisa! Mais uma coisa!

Chama-os à sua volta e segreda-lhes em voz baixa:

Não basta ele me receber. Os senhores sabem que ele "tudo" pode estou dizendo, "tudo". Até os mortos ele evoca!

Bate no peito

Aqui estou! Estão me vendo! - E não existe arte mágica que ele desconheça. Pois bem, Monsenhor, Madame: minha verdadeira condenação é esta - ou aquela - olhem

aponta para seu retrato na parede, quase com medo

- não poder mais me safar desta obra de magia! - Agora sou penitente, e continuo assim; juro-lhes que continuo assim até que Ele me receba. Mas depois, os senhores, após ele revogar a excomunhão, deveriam implorar ao Papa que "tudo" pode o seguinte: que me tire de lá

aponta novamente o retrato

e faça com que eu possa viver esta minha pobre vida, da qual estou excluído, de ponta aponte... Não se pode ter vinte e seis anos para sempre, Madame! E eu lhe peço por sua filha também: que eu possa amá-la como ela merece, assim bem disposto como estou agora, enternecido como estou agora por sua piedade. E isso. Estou em suas mãos...

Inclina-se.

Madame! Monsenhor!

Faz menção de se retirar, assim, inclinado, pela porta por onde entrou; de repente, percebendo Belcredi que tinha se aproximado para escutar, ao vê-lo ivirar a cara em direção ao fundo e supondo que esteja querendo roubar-lhe a coroa imperial pousada no trono, em meio à surpresa geral, corre para pegá-la e a esconde sob a túnica, e com um sorriso bem malicioso nos olhos e nos lábios volta a inclinar-se repetidamente e desaparece. A Marquesa está tão profundamente comovida, que se deixa cair numa poltrona, quase desmaiada.

PANO

SEGUNDO ATO

Outra sala da mansão, contígua à sala do trono, mobiliada com móveis antigos e austeros. À direita, a cerca de dois palmos do chão, há uma espécie de coreto, cercado por uma balaustrada de madeira de pequenas pilastras, interrompida lateralmente e na frente, onde ficam os dois degraus de acesso. Sobre este estrado haverá uma mesa e cinco cadeiras de estilo, uma na ponta e duas em cada lado. Uma porta principal no fundo. À esquerda duas janelas que dão para o jardim. À direita uma porta que dá para a sala do trono. No fim da tarde do mesmo dia.

Dona Matilde, o Doutor e *Tito Belcredi* estão *em cena. Dão continuidade a uma conversa, mas Dona Matilde mantém-se apartada, sombria enfastiada com aquilo que dizem os outros dois, a quem, ao mesmo tempo, não pode deixar de dar atenção , porque no estado de agitação em que se encontra, tudo à sua revelia, lhe interessa, impedindo-a de concentrar-se para amadurecer um propósito mais forte do que ela, que vislumbrou e que a seduz. As palavras que ouve os outros dizerem, atraem sua atenção, porque, instintivamente, sente como que a necessidade de ser retida naquele momento.*

Belcredi
Pode ser, pode ser como o senhor diz, caro doutor, mas esta é a minha impressão.

Doutor
Não digo que não; mas creia que é apenas... assim, uma impressão.

Belcredi
Desculpe: porém ele até chegou a dizer, e claramente!
Voltando-se para a Marquesa:
Não é verdade, Marquesa?

Dona Matilde
(Transtornada, virando-se.) O que você disse?
Depois, não concordando.
Ah, sim... Mas não pela razão que você pensa.

Doutor
Estava se referindo aos trajes que vestimos: o seu manto
aponta a Marquesa
os nossos hábitos de beneditinos. E tudo isto é infantil.

Dona Matilde
(De chofre, virando-se novamente, indignada.) Infantil? O que está dizendo, doutor?

Doutor
Por um lado, sim! Por favor, deixe-me falar, Marquesa. Mas por outro, muito mais complicado do que se possa imaginar.

Dona Matilde
Pois para mim está bastante claro.

Doutor
(Com o sorriso de compaixão) de um competente para com os incompetentes.) Pois é! E preciso entender essa psicologia especial dos loucos, segundo a qual - notem - *é* possível ter também a certeza de que um louco repara, pode muito bem reparar, que estão fantasiados diante dele; e, claro, senhores, assumir isto como tal, mas acreditando na coisa, exatamente como fazem as crianças, para quem ao mesmo tempo é jogo e realidade. Foi por isso que eu disse que era infantil. Mas, por outro lado, também é complicadíssimo. No seguinte sentido: ele tem, deve ter, perfeita consciência de ser para si, diante de si mesmo, uma Imagem. Aquela sua imagem ali!
Alude ao retrato na sala do trono, apontando por isso para sua esquerda.

Belcredi
Foi o que ele disse!

Doutor
Pois é, muito bem! - Uma imagem, na frente da qual apareceram outras imagens: as nossas, estão entendendo? Ora, em seu delírio agudo e extremamente lúcido - ele pôde perceber logo uma diferença entre a sua e as nossas: isto é, que havia em nós, em nossas imagens, uma simulação. E ficou desconfiado. A arma de todos os loucos sempre é uma desconfiança contínua e vigilante. Mas isso é tudo! Naturalmente, para ele, este nosso jogo, feito em torno do jogo dele, não deve ter parecido lá muito caridoso. E do dele nos pareceu muito mais trágico, quanto mais ele, numa espécie de desafio - entendem? - movido pela desconfiança, quis mostrá-lo a nós, justamente, como um jogo; o jogo dele, é claro, vindo ao nosso encontro com as têmporas e as faces pintadas, e dizendo que tinha feito aquilo de propósito, de brincadeira!

Dona Matilde
(Cortando novamente.) Não. Nada disso, doutor. Não é nada disso, absolutamente!

Doutor
Mas corno não é nada disso?

Dona Matilde
(Copiando, vibrante.) Eu tenho certeza absoluta de que ele me reconheceu

Doutor
Não é possível... isto não é possível...

Belcredi
(Simultaneamente.) Que nada!

Dona Matilde
(Ainda mais cortante, quase convulsa.) Ele me reconheceu, estou dizendo. Quando se aproximou para falar comigo e me olhou de perto dentro dos olhos, bem dentro dos olhos - ele me reconheceu!

Belcredi
Como, se estava falando de sua filha...

Dona Matilde
Não é verdade! - De mim! Estava falando de mim.

Belcredi
É, pode ser, quando falou...

Dona Matilde
(Logo, sem se conter.) Dos meus cabelos tingidos! Mas não repararam que ele acrescentou logo: "ou da lembrança de quando era morena, se era morena"? - Lembrou-se perfeitamente de que eu "naquele tempo" era morena.

Belcredi
Que nada! Nada disso!

Dona Matilde
(Sem dar-lhe atenção, dirigindo-se ao Doutor.) Meus cabelos, Doutor, são escuros realmente - como os de minha filha. Por isso ele resolveu falar dela!

Belcredi
Mas ele não reconhece sua filha! Ele nunca a viu!

Dona Matilde
Justamente por isso! Você não está entendendo nada! Quando falava de minha

filha, era de mim que estava falando, de como eu era naquela época!

Belcredi
Ah, isso é contágio! Só pode ser contágio!

Dona Matilde
(Em voz baixa, com desdém.) Mas que contágio que o quê! Parece bobo!

Belcredi
Desculpe, você nunca foi mulher dele. Em seu delírio, sua filha é que é a mulher: Berta de Susa.

Dona Matilde
Mas é claro! Porque eu, não mais morena - como ele lembrava - mas "assim", loira, apresentei-me a ele como "Adelaide", a mãe. - Minha filha para ele não existe - ele nunca a viu - você mesmo falou. Como é então que ele pode saber se é loira ou morena?

Belcredi
Mas ele falou morena, Deus do céu!, assim, generalizando; falou de quem quer fixar, de qualquer modo, seja loira, seja morena, a lembrança da juventude na cor dos cabelos. E você, como sempre, fica imaginando coisas! - Doutor, o senhor disse que eu não deveria ter vindo - mas é ela quem não deveria!

Dona Matilde
(Chocada por um instante devido ao reparo de Belcredi e compenetrada, agora volta a ai, mas duvidando e por isso birrenta.) Não... não... falava de mim... Falou sempre comigo, para mim e de mim...

Belcredi
Tem graça! Não me deu um minuto de sossego, e você diz que falou sempre de você? Contanto que não pense que também falava de você, quando se dirigiu a Pedro Damiani!

Dona Matilde
(Com ar de desafio, quase perdendo complemente a noção de conveniência.) E quem diz que não foi assim? Sabe me dizer por que, desde o primeiro instante, sentiu aversão por você, somente por você?

> *Pelo tom da pergunta deve-se incluir quase explícita a resposta: "Porque percebeu que você é meu amante!" - Belcredi percebe isso tão bem, que por um momento fica perdido, com um sorriso idiota nos lábios.*

Doutor
Desculpem, a razão também pode estar no fato de que lhe foi anunciada apenas a visita da Duquesa Adelaide e do Abade de Cluny. Quando se viu diante de uma terceira pessoa, que não lhe tinha sido anunciada, logo a desconfiança...

Belcredi
Pois é, muito bem, a desconfiança fez com que visse em mim um inimigo: Pedro Damiani! - Mas ela enfiou na cabeça que ele a reconheceu...

Dona Matilde
Quanto a isso não resta dúvida! - Os olhos dele me disseram, doutor: sabe, quando se olha de um jeito que... que não deixa a menor dúvida! Talvez tenha sido por um segundo, que mais posso dizer?

Doutor
Não se pode excluir: um momento de lucidez...

Dona Matilde
É isso, quem sabe. E então o que ele disse, pareceu-me repleto, completamente, de saudade pela minha e pela sua juventude - por causa desta coisa horrível que aconteceu com ele e que o imobilizou ali, naquela máscara da qual não consegue mais se livrar, e da qual ele quer, ele quer se livrar!

Belcredi
Pois é! Para poder amar sua filha. Ou você, - como pensa enternecido por sua piedade.

Dona Matilde
Que é muita, se puder acreditar.

Belcredi
Claro, Marquesa! É tanta que um taumaturgo diria que um milagre é mais do que provável.

Doutor
Permitam que eu fale agora? Eu não faço milagres, pois sou um médico e não um taumaturgo. Prestei muita atenção em tudo o que disse, e repito que naquela certa elasticidade analógica, própria de todo delírio sistematizado, é evidente que nele já está muito... como poderia dizer? frouxa. Resumindo, os elementos de seu delírio não se mantêm reciprocamente firmes. Acho que agora ele se reequilibra com dificuldade em sua personalidade sobressalente, devido aos bruscos chamados que o arrancam - *(e isso é muito confortante)* - não de um estado de apatia incipiente, mas de suave abandono a um estado de melancolia

reflexiva, que demonstra uma... sim, realmente, uma considerável atividade cerebral. Muito confortador, repito. Agora, se com este truque violento que combinamos...

Dona Matilde
(Virando-se para a janela, com o tom de uma doente que se queixa.)
Mas como é que o carro não volta? Em três horas e meia...

Doutor
(Aturdido.) O que está dizendo?

Dona Matilde
O carro, doutor! Já faz mais de três horas e meia!

Doutor
(Tirando e olhando o relógio.) Eh, mais de quatro!

Dona Matilde
Já poderia estar aqui há meia hora, pelo menos. Mas, como sempre...

Belcredi
Talvez não estejam achando a roupa.

Dona Matilde
Mas se expliquei direitinho onde está guardada!
(Não consegue conter a impaciência.)
Mas Frida... Onde está Frida?

Belcredi
(Debruçando-se um pouco na janela.) Deve estar no jardim com Carlo.

Doutor
Vá convencê-la a vencer o medo...

Belcredi
Mas não é medo, doutor; não acredite nisso! É que ela se aborrece.

Dona Matilde
Faça-me o favor de não insistir. Eu conheço o jeito dela! Vamos esperar, com paciência. Tudo será feito num instante e deve ser de noite. Se conseguirmos sacudi-lo, estava dizendo, se conseguirmos romper de vez com este puxão violento os fios já enfraquecidos que ainda o ligam à sua simulação, dando-lhe aquilo que ele mesmo pede *(disse: "Não se pode ter vinte e seis anos para*

sempre, Madame!"), a libertação dessa condenação, que ele mesmo acha que é uma condenação: então, resumindo, se conseguirmos que ele, de repente, torne a adquirir a sensação da distância do tempo...

Belcredi
(Rápido.) Estará curado!
Depois, soletrando com intenção irónica:
Nós o livraremos!

Doutor
Poderemos ter a esperança de recuperá-lo, como um relógio que tenha parado numa determinada hora. Pois é, como com os nossos relógios na mão, esperar que chegue a hora - uma sacudida! - e vamos ver se ele volta a funcionar, depois de tanto tempo parado.
Neste instante, o marquês Carlo Di Nolli entra pela porta principal.

Dona Matilde
Ah, Carlo... E Frida? Aonde ela foi?

Di Nolli
Já vem vindo.

Doutor
O carro chegou?

Di Nolli
Sim.

Dona Matilde
Ah, sim? E trouxe o traje?

Di Nolli
Já está aqui faz tempo.

Doutor
Oh, excelente, então!

Dona Matilde
(Premindo.) E onde está? Onde está?

Di Nolli
(Encolhendo os ombros e sorrindo triste como alguém que se presta de má vontade a uma brincadeira disparatada.) Hum... Vão ver agora...

E ai apontando para a porta do fundo:
Ali está...

Bertoldo aparece à soleira da porta principal ao fundo e anuncia solenemente:

Bertoldo
Sua Alteza a Marquesa Matilde de Canossa!

E logo entra Frida, magnifica e belíssima; vestindo o antigo traje de "Marquesa Matilde de Toscana" que fora da mãe, de modo a representar, viva, a imagem do retrato da sala do trono.

Frida
(Passando por Bertoldo que se inclina, diz-lhe com desdém presunçoso.) De Toscana, por favor, de Toscana. Canossa é um de meus castelos.

Belcredi
(Admirando-a.) Mas olhem! Vejam só! Parece outra pessoa!

Dona Matilde
Parece comigo! - Meu Deus, estão vendo? - Parada, Frida! - Estão vendo? E exatamente o meu retrato, vivo!

Doutor
Claro, claro... Perfeito! Perfeito! O retrato!

Belcredi
É mesmo, não há o que dizer... É o retrato! Olhe, olhe! Que tipo!

Frida
Não me façam rir, senão eu estouro. Que cinturinha a senhora tinha, hein, mãe? Tive que me encolher todinha para entrar nisto!

Dona Matilde
(Agitada, arrumando a roupa.) Espere... Fique quieta... Estas pregas... Está tão apertado assim?

Frida
Estou sufocando! Temos que ir rápido, pelo amor de Deus!...

Doutor
Ah, mas primeiro precisamos esperar que escureça...

Frida
Não, não, não agüento, até à noite não agüento!

Dona Matilde
Por que então você foi vesti-lo tão cedo?

Frida
Tão logo o vi! A tentação. Irresistível...

Dona Matilde
Podia ao menos ter-me chamado! Deixar que eu ajudasse... Ainda está todo amarrotado, meu Deus!...

Frida
Eu vi, mamãe. Mas são velhas dobras... Será difícil tirá-las.

Doutor
Não importa, Marquesa! A ilusão é perfeita!
Depois, aproximando-se e convidando-a a vir um pouco a frente da filha, sem contudo cobri-la:
Com licença. Fique assim - aqui - a uma certa distância - um pouco mais à frente..

Belcredi
Para dar a sensação da distância do tempo!

Dona Matilde
(Virando-se de leve para ele.) Vinte anos depois! Que desastre, hein?

Belcredi
Não vamos exagerar!

Doutor
(Bastante embaraçado, tentando consertar.) Não, não! Eu estava dizendo também... digo, digo por causa do vestido.., digo para ver...

Belcredi
(Rindo.) Mas pelo vestido, doutor, são mais de vinte anos! São oitocentos! Um abismo! O senhor pretende realmente fazê-lo saltar com um empurrão?
Indicando primeiro Frida e depois a Marquesa:
De lá para cá? Vai ter que juntar os pedaços num cestinho! Pensem um pouco, meus caros; estou falando sério: para nós são vinte anos, dois trajes e uma mascarada. Mas se para ele, como diz o senhor, doutor, o tempo parou; se ele

vive lá

Aponta Frida

com ela, há oitocentos anos atrás; acho que a vertigem do salto será tamanha que, vindo cair em meio à gente...

o Doutor faz que não com o dedo

está dizendo que não?

Doutor

Não. Porque a vida, caro barão, continua! Aqui - a nossa - logo se tomará real para ele também; fará com que se detenha, arrancando-o de repente de sua ilusão e revelando que os oitocentos anos, que o senhor diz, são apenas vinte! Olhe, será como certos truques, aquele do salto no vazio, por exemplo, do rito maçônico, que parece sabe-se lá o quê, e depois, no fim, desceu-se um degrau.

Belcredi

Oh, que descoberta! - Mas claro! - Olhe para Frida e para a Marquesa, doutor! - Quem está mais à frente? Nós os velhos, doutor! Os jovens acham que estão mais adiante; não é verdade: somos nós os mais adiantados, já que o tempo é mais nosso do que deles.

Doutor

Eh, se o passado não nos afastasse!

Belcredi

Claro que não! Do que? Se eles

indica Frida e Di No/li

ainda devem fazer o que já fizemos, doutor: envelhecer, repetindo de cabo a rabo as mesmas bobagens que fizemos... A ilusão é esta: pensar que se sai da vida pela porta da frente! Não é verdade! Se logo que nascemos começamos a morrer, quem começou primeiro está mais à frente do que os outros. E o mais jovem é Adão! Olhe lá

mostra Frida

oitocentos anos mais nova do que todos nós, a Marquesa Matilde de Toscana.

E inclina-se profundamente diante dela.

Di Nolli

Por favor, por favor, Tito: chega de brincadeiras.

Belcredi

Ah, se você acha que estou brincando...

Di Nolli

Mas é claro, meu Deus... desde que você chegou...

Belcredi
Não diga! Até me vesti de beneditino...

Di Nolli
Pois é! Para fazer uma coisa séria...

Belcredi
Bom, acho... se foi séria para os outros... Olhe, para Frida, agora, por exemplo...
Depois, virando-se para o Doutor:
Juro-lhe, doutor, que ainda não estou entendendo o que o senhor pretende fazer.

Doutor
(Aborrecido.) O senhor verá! Deixe por minha conta... Pudera! Se ele vê a Marquesa ainda vestida assim...

Belcredi
Ah, porque ela também precisa?...

Doutor
Claro! Claro! Com uma outra roupa que está lá, para quando ele pensar que se encontra diante da Marques Matilde de Canossa...

Frida
(Enquanto conversa em voz baixa com Di Nolli, reparando que o Doutor se enganou.) De Toscana! De Toscana!

Doutor
(Como acima.) Mas é a mesma coisa!

Belcredi
Ah, entendi! Ele vai deparar com as duas?...

Doutor
Com as duas, exatamente. E então...

Frida*(Chamando de lado.)* Venha cá, doutor, ouça!

Doutor
Pronto!
Aproxima-se dos dois jovens e finge dar-lhes explicações.

Belcredi
(Em voz baixa, para Dona Matilde.) Ah, pelo amor de Deus! Mas então...

Dona Matilde
(Virando-se com o rosto fechado.) Então o quê?

Belcredi
Então ele lhe interessa tanto assim? Tanto a ponto de você se prestar a isso!? E muita coisa para uma mulher!

Dona Matilde
Para uma mulher qualquer!

Belcredi
Ah, não, para todas, minha cara, para todas! É uma abnegação...

Dona Matilde
Eu lhe devo isso.

Belcredi
Não minta! Você sabe muito bem que não vai se humilhar.

Dona Matilde
E então? Que abnegação é essa?

Belcredi
Abnegação suficiente para não se humilhar aos olhos dos outros, mas o suficiente para me ofender.

Dona Matilde
Mas quem está pensando em você nesta hora!

Di Nolli
(Vindo à frente.) É isso, é isso então, claro, claro, faremos assim...
Virando-se para Bertoldo.
Ei, você: vá chamar um daqueles três lá!

Bertoldo
É pra já.
Sai pela poria principal.

Dona Matilde
Mas temos que fingir que estamos indo embora!

Di Nolli
É mesmo! Vou mandar chamá-lo para vocês se despedirem.

Para Belcredi:
Você não precisa: fique aqui!

Belcredi
(Sacudindo a cabeça ironicamente.) Mas claro, eu não preciso... eu não preciso...

Di Nolli
E para não deixá-lo novamente desconfiado, entende? Mas claro! *Quantité negligeable!*

Doutor
É preciso que tenha a certeza absoluta, absoluta, de que fomos embora.
Landolfo, seguido por Bertoldo, entra pela porta à direita.

Di Nolli
Com licença?

Di Nolli
Entre, entre! Vamos... - Você se chama Lolo, não é?

Landolfo
Lolo ou Landolfo, ao seu dispor!

Di Nolli
Bom, olhe. Agora o doutor e a Marquesa vão se despedir...

Landolfo
Muito bem. Bastará dizer-lhe que o Pontífice concedeu por intermédio deles a graça de receber Sua Majestade. Ele está em seus aposentos, gemendo arrependido de tudo o que disse, e desesperado com a possibilidade de não obter a graça. Se quiserem ajudar... Farão a gentileza de vestir novamente os trajes...

Doutor
Claro, claro, vamos, vamos...

Landolfo
Esperem. Permitam-me uma sugestão: digam que a Marquesa Matilde de Toscana também implorou ao Pontífice a graça de recebê-lo.

Dona Matilde
Aí está. Estão vendo como me reconheceu?

Landolfo
Não. Desculpe-me. É que morre de medo da aversão que a tal Marquesa que hospedou o Papa em seu castelo tem por ele. É esquisito: na história, que eu saiba - mas os senhores certamente estão em condições de saber melhor do que eu - não é dito que Henrique IV amasse secretamente a Marquesa de Toscana, não é verdade?

Dona Matilde
(Rápida.) Não: de modo algum. Ninguém disse. Antes, pelo contrário!

Landolfo
É o que eu pensava! Mas ele vive dizendo que a amou - diz sempre...
- E agora tem medo de que o desprezo dela por esse amor possa influir no espírito do Pontífice e prejudicá-lo.

Belcredi
É preciso dizer-lhe que essa aversão não existe mais!

Landolfo
Isso mesmo! Muito bem!

Dona Matilde
(Para Landolfo.) Muito bem, claro!
Depois para Belcredi:
Porque, se você não sabe, a história diz exatamente que o Papa rendeu-se justamente ao pedido da Marquesa e do Abade Cluny. E eu lhe digo, caro Belcredi, que naquela época - quando houve a cavalgada - eu queria me valer justamente disso para demonstrar-lhe que no íntimo eu não era tão inimiga dele, como ele imaginava.

Belcredi
Mas então, que maravilha, cara Marquesa! Continue a história...

Landolfo
Então, certamente, a senhora poderia poupar-se o trabalho de um duplo travestimento e apresentar-se com Monsenhor
indica o Doutor
vestida de Marquesa de Toscana.

Doutor *(Logo, com veemência.)*
Não, não! Isto não, por favor! Iria estragar tudo! A impressão do confronto deve ser brusca, repentina. Não, não. Marquesa: vamos, vamos: a senhora se apresentará novamente como a Duquesa Adelaide, mãe da Imperatriz. E nos

despediremos. E necessário principalmente que ele saiba que fomos embora. Vamos, vamos: não vamos perder mais tempo, pois temos que preparar muita coisa ainda.

O Doutor, Dona Matilde e Landolfo saem pela porta a direita.

Frida
Mas eu estou novamente com um medo terrível...

Di Nolli
Outra vez, Frida?

Frida
Era melhor que o tivesse visto antes...

Di Nolli
Acredite, não há motivos para isto.

Frida
Será que não é furioso?

Di Nolli
Claro que não! É manso.

Belcredi
(Com irônica afetação sentimental.) É melancólico!
Você não ouviu que ele a ama?

Frida
Muito obrigada! É justamente por isso.

Belcredi
Não vai querer fazer-lhe mal...

Di Nolli
E depois, será coisa de um instante...

Frida
Pois é, mas lá no escuro! com ele...

Di Nolli
Só por um instante, e eu estarei ao seu lado e os outros ficarão atrás das portas, de tocaia, prontos para acudir. Logo que deparar com sua mãe, entende? a sua parte estará terminada...

Belcredi
Meu medo é outro: que isso dê em nada.

Di Nolli
Não comece! Acho que o remédio é bastante eficaz.

Frida
Também acho, também acho! Estou sentindo aqui dentro... Estou toda arrepiada!

Belcredi
Mas os loucos, meus caros - *(infelizmente eles não sabem!)* - têm essa felicidade da qual não nos damos conta...

Di Nolli
(Interrompendo, aborrecido.) Mas que felicidade é essa, agora? Quer fazer o favor de dizer?

Belcredi
(Com veemência.) Não raciocinam!

Di Nolli
Desculpe, mas o que o raciocínio tem a ver com isto?

Belcredi
Como? Não lhe parece um raciocínio o que - segundo nós - ele deveria fazer, ao vê-la,
indica Frida
e ao ver a mãe dela? Mas fomos nós que arquitetamos tudo!

Di Nolli
Não, nada disso: que raciocínio? Vamos apresentar-lhe uma imagem dupla de sua própria simulação, como disse o Doutor!

Belcredi
(Com um impulso repentino.) Escute: eu nunca entendi bem por que se formam em medicina!

Di Nolli
(Aturdido.) Quem?

Belcredi
Os alienistas.

Di Nolli
Essa é boa, e quer que se formem em quê?

Frida
Ora, se são alienistas!

Belcredi
Exatamente! Em direito, minha cara! É só palavrório! E quanto mais palavrório, melhor é o sujeito! "Elasticidade analógica", "a sensação da distância do tempo"!! E no entanto a primeira coisa que dizem é que não fazem milagres – quando o necessário seria justamente um milagre! Mas sabem que quanto mais dizem que não são taumaturgos, mais os outros acreditam na seriedade deles – não fazem milagres - e conseguem sempre se safar, que é uma beleza!

Bertoldo
(Que ficou espiando atrás da porta, olhando pelo buraco da fechadura.) Lá estão eles! Parece que estão vindo para cá...

Di Nollo
Ah, é?

Bertoldo
Parece que ele quer acompanhá-los... Sim, sim, ele vem vindo!

Di Nolli
Então vamos sair! Vamos sair depressa!
Virando-se para Bertoldo antes de sair.
Você fica!

Bertoldo
Preciso ficar?
Sem dar-lhe resposta, Di Nolli, Frida e Belcredi fogem, pelo fundo, deixando Bertoldo confuso e sem ação. Abre-se a porta à direita e primeiro entra Landolfo, inclinando-se logo, depois entram Dona Matilde com o manto e a coroa ducal, como no primeiro ato e o Doutor com a túnica do Abade de Cluny; Henrique IV está entre eles, em trajes imperiais; entram finalmente Ordulfo e Arialdo.

Henrique IV
(Continuando a conversa que supostamente começou na sala do trono.) E eu lhe pergunto, como poderia ser astuto, se me acham teimoso...

Doutor
Mas não! Não tem nada de teimoso, por favor!

Henrique IV
(Sorrindo satisfeito.) Para o senhor, então, eu seria realmente astuto?

Doutor
Não, não, nem teimoso nem astuto!

Henrique IV
Detém-se e exclama com o tom de quem quer dar a perceber com benevolência, mas também com ironia, que assim não pode ser.) Monsenhor! Se a teimosia é vício que possa ser acompanhado pela astúcia, esperava que, ao negá-la em mim, pelo menos um pouco de astúcia pudesse me conceder. Garanto-lhe que preciso muito dela! Mas se o senhor quer ficar com ela só para si...

Doutor
Ah, como, eu? Acha que sou astuto?

Henrique IV
Não, monsenhor! O que está dizendo! Não acho mesmo!
Interrompendo para dirigir-se a Dona Matilde:
Com licença: uma palavrinha em particular com Madame a Duquesa, aqui à porta.
Ele a puxa de lado e lhe pergunta confidencialmente, com ansiedade:
A senhora gosta muito de sua filha, não é verdade?

Dona Matilde
(Confusa.) Sim, claro...

Henrique IV
E quer que eu a recompense com todo o meu amor, com toda a minha devoção pelos graves erros que cometi em relação a ela, embora não deva acreditar nas perversões de que me acusam os meus inimigos?

Dona Matilde
Não, não: eu não acredito. Nunca acreditei..

Henrique IV
Pois bem, então, a senhora quer?

Dona Matilde
(Como acima.) O quê?

Henrique IV
Que eu volte a amar sua filha?

Olha para ela, e logo acrescenta em tom de mistério, de admoestação e de medo ao mesmo tempo:

Não seja amiga, não seja amiga da Marquesa de Toscana!

Dona Matilde
E, no entanto, repito-lhe que ela não deixou de implorar, de pedir, não menos do que nós, para obter a graça que Sua Majestade...

Henrique IV
(Logo, em voz baixa, fremindo.) Não, não me diga uma coisa dessas! Não me diga uma coisa dessas! Pelo amor de Deus, Madame, não vê o efeito que me causa?

Dona Matilde
(Olha para ele, depois em voz muito baixa, quase confidenciando.)
O senhor ainda a ama?

Henrique IV
(Intrigado.) Ainda? Como diz ainda? A senhora por acaso está sabendo? Ninguém sabe! Ninguém deve saber!

Dona Matilde
Mas ela sim, talvez saiba, se implorou tanto pelo senhor!

Henrique IV
(Olha para ela um instante e depois diz.) E a senhora, ama sua filha?

Breve pausa. Dirige-se ao Doutor com um tom de riso:

Ah, Monsenhor, é verdade que soube que tinha mulher somente depois - muito tarde... E mesmo agora: sim, devo ter uma mulher; não há dúvida que tenho - mas poderia jurar que quase nunca penso nisso. Pode ser pecado, mas não sinto nada por ela; não a tenho no meu coração. É de se admirar, porém, que nem sua própria mãe a tenha no coração! Confesse, Madame, que não se importa nem um pouco com ela!

Virando-se para o Doutor, com exasperação:

Vem me falar da outra!

E ficando cada vez mais exaltado:

Com a insistência, com uma insistência que não consigo entender.

Landolfo
(Humilde.) Quem sabe, Majestade, é para mudar uma opinião contrária que o senhor formou sobre a Marquesa de Toscana.

E, alarmado por Ter-se permitido esta observação, vai logo acrescentando:
Digo, é claro, nestas circunstâncias...

Henrique IV
Por que até você afirma que ela foi minha amiga?

Landolfo
Sim, nestas circunstâncias, foi, Majestade!

Sim, claro, justamente por isso...

Henrique IV
Entendi. Quer dizer então que não acredita que eu a ame? Entendi. Entendi. Nunca ninguém acreditou; nunca ninguém desconfiou. É melhor assim! Chega! Chega!

Interrompe, virando-se para o Doutor com o ânimo e a expressão completamente mudados.
O senhor, viu, Monsenhor? As condições das quais o Papa fez depender a revogação da excomunhão não têm nada, mas nada mesmo, a ver com a razão que o levou a me excomungar! Diga ao Papa Gregório que nos encontraremos em Bressanone. E a senhora, Madame, se tiver a sorte de encontrar sua filha lá embaixo no pátio do castelo de sua amiga Marquesa, que quer que lhe diga? Mande-a subir; vamos ver se consigo mantê-la ao meu lado, como mulher e Imperatriz. Já apareceram muitas por aqui, garantindo, garantindo que eram ela - aquela que eu, sabendo que a tinha... sim, até procurei algumas vezes por ela - *(não é vergonha: trata-se de minha mulher!)* Mas todas, ao me dizerem que eram Berta, que eram de Susa - não sei porque - desataram a rir!

Como que confidenciando.
Entende? - na cama - eu sem esta roupa - ela também... sim, Deus do céu, sem as roupas... um homem e uma mulher... é natural!... Não se pensa mais naquilo que somos. A roupa fica lá, pendurada, como uma fantasma!

E *mudando o tom, confidencia ao Doutor:*
E eu, Monsenhor, acho que em geral os fantasmas no fundo não passam de pequenos desarranjos do espírito: imagem que não se consegue conter nos domínios do sono: aparecem também na vigília, em plena luz do dia, e causam medo. Eu sempre sinto muito medo, quando me deparo com elas à noite - muitas imagens, embaralhadas, rindo, apeadas do cavalo. - As vezes, sinto medo até do sangue que pulsa nas minhas veias, no silêncio da noite, como o baque surdo de passos em aposentos longínquos... Basta, já os prendi até demais. Meus cumprimentos, Madame, meus respeitos, Monsenhor.

Diante da soleira da porta principal, até onde os acompanhou, despede-se deles, que se inclinam. Dona Matilde e o Doutor saem. Ele fecha a

porta e vira-se de repente, mudado.
Palhaços! Palhaços! Palhaços! - Um piano de cores! Mal a tocava: branca, vermelha, amarela, verde... E o outro então: Pedro Damiani. -Ah! Ah! Perfeito! Acertei! - Ficou com medo de aparecer de novo na minha frente!

Dirá isso, transbordando de alegre frenesi, andando de um lado para outro, movendo os olhos, até, de repente, dar com Bertoldo, mais do que aturdido, assustado com a mudança repentina. Pára diante dele e apontando aos três companheiros também perdidos no assombro:
Mas vejam só este idiota aqui, me olhando de boca aberta...

Sacode-o pelos ombros.
Não está entendendo? Não está vendo como eu visto vocês, como ficam ridículos, como faço vocês aparecerem diante de mim, feito palhaços assustados! E se assustam só com isso, oh: têm medo que se rasgue a fantasia de palhaço que vocês vestem e que eu descubra que estão fantasiados; como se não tivesse sido eu mesmo a obrigá-los a se fantasiarem, pelo gosto que tenho de bancar o louco!

Landolfo, Arialdo
e Ordulfo
(Chocados, espantados, olhando um para o outro.) Como? O que está dizendo? Mas então?...

Henrique IV
(Vira-se de repente ante as exclamações e grita, imperioso.) Chega! Vamos acabar com isso! Já me aborreci!

Logo depois, como se, pensando novamente, não conseguisse se acalmar e não pudesse acreditar naquilo:
Meu Deus, teve o descaramento de me aparecer aqui, agora - junto com seu amante... - E aparentavam fazer tudo por compaixão, para não enfurecer um pobre coitado que já está fora do mundo, fora do tempo, fora da vida! - Caso contrário, pensem bem, que homem iria passar por uma violência dessas? - Eles sim, todos os dias, a toda hora, pretendem que os outros sejam como eles querem; mas isso, isso não é uma violência! Não! Que nada! - E o modo que têm de pensar, de ver, de sentir: cada um tem o seu! Vocês também têm o seu, não é? Claro! Mas que modo pode ser o de vocês? O do rebanho! Mesquinho, instável, hesitante.. E os outros se aproveitam disso, fazem vocês tolerarem o modo deles, aceitá-lo, para que sintam e vejam como ele! Ou, pelo menos, têm a ilusão de que sejam assim! Por que, no fim das contas, o que é que eles conseguem impor? Palavras! Palavras que cada um entende e repete como quer. Ah, no entanto é desse modo que se formam as assim chamadas opiniões correntes. E ai de quem um belo dia se veja marcado por uma dessas palavras que todos vivem repetindo! Por exemplo: "louco"! - Por exemplo, que sei eu? - "imbecil"! - Mas me digam uma coisa: pode-se ficar quieto, sabendo que existe

alguém que tenta convencer os outros de que você é como ele o vê, que tenta, conforme o juízo que faz de você, enquadrá-lo num conceito que não é o seu? - "Louco" "Louco"! Não falo agora, que banco o louco para me divertir! Mas antes, antes de bater a cabeça, caindo do cavalo...

Pára bruscamente, ao ver que os quatro se agitam mais apavorados e atordoados do que nunca.

Que tanto se olham?

Imita com trejeitos as expressões de surpresa dos quatro.

Ah! Que revelação! Hein? - Sou ou não sou? - Vamos, sou louco, sim!

Torna-se terrível:

Mas então, por Deus, ajoelhem-se! ajoelhem-se!

Força um por um a ajoelhar-se:

Ordeno-lhes que se ajoelhem todos diante de mim - assim! E toquem o chão com a cabeça três vezes! Vamos! E assim que todos devem ficar diante dos loucos!

Vendo os *quatro ajoelhados, sente de repente dissipar-se a feroz alegria, indigna-se com isso.*

Vamos, basta, carneirinhos, levantem-se! - Vocês obedeceram? Podiam ter-me posto numa camisa de força... Esmagar alguém com o peso de uma palavra? Nada mais fácil! O que é essa pessoa? Uma mosca! - A vida inteira é esmagada assim pelo peso das palavras! O peso dos mortos! - Aqui estou eu: vocês podem realmente acreditar que Henrique IV ainda esteja vivo? No entanto, vejam só, falo e dou ordens a vocês que estão vivos. Quero vocês assim! - Vocês acham que também é uma farsa o fato de que os mortos continuem dominando a vida? - Claro, aqui é uma farsa: mas saiam daqui para o mundo dos vivos. O dia nasce. Vocês têm o tempo diante de si. Um amanhecer. Esse dia que temos pela frente - vocês dizem - nós faremos dele o que quisermos! - Ah, é? Vocês? Podem dizer adeus a todas as tradições! Dizer adeus a todas as convenções! Ponham-se a falar! E repetirão todas as palavras que sempre foram ditas! Vocês acham que estão vivendo? Estão só mastigando de novo a vida dos mortos, isto sim!

Põe-se diante de Bertoldo, que agora está completamente abobalhado.

Você não está entendendo nada, hein? - Como você se chama?

Bertoldo

Eu?... Ahn... Bertoldo...

Henrique IV

Mas que Bertoldo, bobão? Aqui entre nós: como você se chama?

Bertoldo

Na... na verdade me... me chamo Fino...

Henrique IV
(A um gesto, mal esboçado, de aviso e admoestação dos outros três, virando-se logo para, fazê-los calarem-se.) Fino?

Bertoldo
Fino Pagliuca, às suas ordens.

Henrique IV
(Virando-se novamente para os três.) Mas se ouvi vocês se chamarem entre si, tantas vezes!
Para Landolfo.
Você se chama Lolo?

Landolfo
Sim. senhor.
Depois, com um rompante de alegria:
Oh, Deus... Mas então?

Henrique IV
(Logo, brusco.) Então o quê?

Landolfo
(Esmorecendo de repente.) Não... digo...

Henrique IV
Não sou mais louco? Hein? Não estão me vendo? - Vamos nos divertir às custas de quem acredita nisso.
Para Arialdo:
Sei que você se chama Franco...
Para Ordulfo:
E você, espere...

Ordulfo
Momo!

Henrique IV
Pois é, Momo! Que bela coisa, hein?

Landolfo
(Como acima.) Mas então... oh, meu Deus...

Henrique IV
(Como acima.) O quê? Que nada! Aqui entre nós, vamos dar uma boa

gargalhada...
E ri.
Ah, ah, ah, ah, ah, ah!

Landolfo, Arialdo
e Ordulfo
(Olhando um para o outro, incertos, confusos, entre a alegria e o assombro.)
Está curado? Será verdade? Como é que pode?

Henrique IV
Quietos! Quietos!
Para Bertoldo:
E você não ri? Está ofendido ainda? Não fique assim! Não era para você que eu estava falando, sabe? - É conveniente para todos, entende? é conveniente para todos fazer certas pessoas passarem por loucas, para ter a desculpa de mantê-las trancadas. Sabe por quê? Porque ninguém agüenta ouvi-las falar. Eu, por exemplo, o que é que posso dizer daqueles que acabaram de sair? Que ela é uma rameira, ele um libertino sujo, o outro um impostor... Não é verdade! Ninguém vai acreditar! - Mas estão todos me escutando, assombrados. Pois bem, gostaria de saber por que, se não é verdade. Não se pode acreditar naquilo que os loucos dizem! - No entanto, ficam aí escutando, com os olhos arregalados de espanto. - Por quê? Diga-me, diga-me você, por quê? Veja, estou calmo!

Bertoldo
Porque... talvez, acreditem que...

Henrique IV
Não, meu caro... não, meu caro... Olhe bem nos meus olhos... - Não estou dizendo que seja verdade, fique sossegado! - Nada é verdade! Mas olhe nos meus olhos!

Bertoldo
Está bem, e daí?

Henrique IV
Está vendo? está vendo? Você mesmo! Você também, agora, tem o espanto no olhar! - Porque para você estou parecendo louco! - Eis a prova! Eis a prova!
E ri.

Landolfo
(Em nome dos demais, encorajando-se exasperado,) Mas que prova?

Henrique IV
O espanto de vocês, porque agora lhes pareço louco novamente! - No entanto, por Deus, vocês sabem! Acreditam que seja; acreditaram até agora que sou louco! - É ou não é verdade?

Olha para eles e vê que estão aterrorizados.

Estão vendo agora? Estão sentindo que este espanto pode virar terror, como de algo que faça faltar o chão debaixo de seus pés e lhes corte a respiração? É inevitável, meus senhores! Por que sabem o que significa estar diante de um louco? Significa estar diante de alguém que abala nas bases tudo o que vocês construíram em vocês mesmos, ao seu redor, a lógica, a lógica de todas as suas construções! - Eh! o que querem? Os loucos, bem-aventurados os loucos, podem construir sem lógica. Ou com lógica própria que flutua como uma pena. Volúveis! Volúveis! Hoje assim e amanhã sabe-se lá como! - Vocês se mantêm firmes, mas eles se deixam levar. Volúveis! Volúveis! Vocês dizem: "isso não pode ser!" - e para eles tudo pode ser. - Mas vocês dizem que não é verdade. E por quê? - Porque não parece verdade para você, para você, para você,

aponta para três deles.

para outros cem mil. Pois é, meus caros! Seria preciso ver também o que é que parece verdade para esses outros cem mil que não são tachados de loucos, e que espetáculo dão de sua coerência, pérolas de lógica! Sei que quando era criança a lua refletida no poço me parecia verdadeira. E quanta coisa me parecia verdadeira! Eu acreditava em tudo o que os outros me diziam, e era feliz! Porque ai, ai se você não se mantém firme naquilo que hoje lhe parece verdade, naquilo que lhe parecerá verdade amanhã, mesmo sendo o contrário daquilo que lhe parecia verdade ontem! Ai se você, como eu, vai até o fundo dessa coisa horrível que pode realmente levar à loucura: que se você está perto de uma pessoa, e olha nos olhos dela - como eu olhava um dia certos olhos - pode-se imaginar como um mendigo diante de uma porta por onde nunca poderá entrar: quem entra por ela, nunca será você, com o seu mundo dentro, como você o vê e o toca; mas alguém que você não conhece, como a outra pessoa em seu mundo impenetrável o vê e o toca...

Pausa longamente mantida. A sombra, na sala, começa a se adensar, aumentando a sensação de confusão e de profunda consternação que invadiu os quatro fantasiados e que estão cada vez *mais afastados do grande Mascarado, que, por sua vez, fica absorto contemplando a miséria assustadora que não* é *só dele, mas de todos. Depois ele volta a si, faz que procura os quatro rapazes que não percebe mais ao seu redor que diz:*

Já escureceu, aqui.

Ordulfo
(Logo, avançando.) Quer que vá pegar o lampião?

Henrique IV
(Com ironia.) O lampião, sim... Pensam que eu não sei que logo que viro as costas com meu lampião para ir dormir, vocês acendem a luz elétrica para vocês - aqui e lá na sala do trono também? - Finjo não ver...

Ordulfo
Ah! - Quer então...?

Henrique IV
Não: me cegaria. - Quero meu lampião.

Ordulfo
Pois não, já está preparado, aqui atrás da porta.
Vai até a porta; abre-a, sai e logo torna a entrar com um lampião antigo, daqueles que se seguram por um anel em cima.

Henrique IV
(Pegando o lampião e depois indicando a mesa em cima do coreto.) Até que enfim, um pouco de luz. Sentem-se ali, à mesa. Mas não assim! Com desembaraço e bem à vontade...
Para Arialdo:
Olhe, você assim...
Ajeita-o e depois para Bertoldo.
E você, assim...
Ajeita-o.
Assim, isso...
Vai se sentar também.
E eu, aqui...
Virando a cabeça para uma das janelas:
Podia-se encomendar à lua um belo raio decorativo... Faz bem para nós, a lua, faz bem. Eu, por mim, sinto necessidade dela, e muitas vezes fico perdido a contemplá-la da minha janela. Quem vai acreditar, se olhar para ela, que ela saiba que oitocentos anos se passaram e que, sentado à janela não posso realmente ser Henrique IV olhando a lua, como um pobre homem qualquer? Mas olhem, olhem que magnífico quadro noturno: o Imperador entre seus fiéis conselheiros... Vocês não acham isso bom?

Ordulfo
(Em voz baixa para Arialdo, como que para não quebrar o encanto.) Eh, entende? Se soubéssemos que não era verdade...

Henrique IV
Verdade, o quê?

Landolfo
(Titubeante, como que se desculpando.) Não... quer dizer... porque para ele
aponta Bertoldo
que acabou de entrar em serviço... eu, ainda esta manhã, dizia: É pena que vestidos assim... e depois com tantos trajes bonitos, lá no guarda-roupa... e com uma sala como aquela...
indica a sala do trono.

Henrique IV
E dai? É pena, você diz?

Landolfo
Pois é... que não soubéssemos...

Henrique IV
Que representavam de brincadeira, aqui, esta comédia?

Landolfo
Porque achávamos que...

Arialdo
(Vindo em seu auxílio.) Pois é... claro, que fosse a sério!

Henrique IV
E como é que é? Vocês acham que não é a sério?

Landolfo
Eh, se o senhor diz que...

Henrique IV
Digo que vocês são bobos! Vocês deviam saber representar para vocês mesmos; não para mim, e diante de quem vem me visitar de vez em quando; mas assim, como vocês são naturalmente, todos os dias, diante de ninguém
para Bertoldo, agarrando-o pelo braço.
Para você, entende, que nesta sua simulação podia comer, dormir, e até coçar o ombro, se sentisse uma coceira;
Dirigindo-se aos outros também:
sentindo-se vivos, realmente vivos na história de mil e cem, aqui na Corte do vosso Imperador Henrique IV! E pensar, daqui, deste nosso tempo remoto, tão colorido e sepulcral, pensar que a oito séculos de distância, os homens do século XX, enquanto isso, vivem brigando, se debatem numa ânsia sem trégua para saber como se determinará o seu destino, para ver como vão se desenrolar os fatos que lhes causam tanta angústia e agitação. Enquanto que vocês, ao

contrário, já estão na história! comigo! Por mais triste que seja meu destino, e horrendos os fatos; por mais ásperas que sejam as lutas, dolorosas as vicissitudes: já são história, não mudam mais, não podem mais mudar, entendem? Fixos para sempre: tão fixos que vocês podem se entregar à contemplação de como cada efeito segue obediente a sua causa, com perfeita lógica, e cada acontecimento se desenvolve com precisão e coerência em cada detalhe. O prazer, o prazer da história, em suma, que é tão grande!

Landolfo
Ah, que bonito! que bonito!

Henrique IV
Bonito, mas chega! Agora que sabem, eu não poderia mais fazê-lo!
Pega o lampião para ir dormir.
Nem mesmo vocês, se até agora não entenderam a razão disso. Agora estou com nojo de tudo!
Como que para si mesmo, contendo urna raiva violenta:
Deus do céu! devo fazê-la se arrepender de ter vindo aqui! Fantasiada de sogra, oh, para mim... E ele de abade... - E trazem junto um médico para me examinar E sabe-se lá se não esperam me curar... Palhaços! - Quero ter o gosto de esbofetear pelo menos um: aquele! - É um espadachim famoso? Vai me ferir... Mas vamos ver, vamos ver
Ouve-se bater à porta principal.
Quem é?

Voz de Giovani
Deo Gratias!

Arialdo
(Contentíssimo, com a possibilidade de continuar a brincadeira.) Ah, é Giovanni, é Giovanni, que vem bancar o monge como todas as noites!

ordulfo
(Como acima, esfregando as mãos.) Sim, sim, vamos deixá-lo bancar o monge!

Henrique IV
(No ato, severo.) Bobo! Está vendo? Para quê? Para fazer uma brincadeira às custas de um pobre velho, que faz o que faz porque gosta de mim?

Landolfo
(Para Ordulfo.) Tem que ser como se fosse verdade! Não está entendendo?

Henrique IV
Exatamente! Como se fosse verdade! Porque só assim a verdade deixa de ser uma brincadeira!

Vai abrir a porta e manda entrar Giovanni vestido como humilde monge, com um rolo de pergaminho embaixo do braço.

Entre, entre, padre!

Depois, assumindo um tom de trágica gravidade e de profundo ressentimento:

Todos os documentos de minha vida e do meu reinado que me eram favoráveis foram deliberadamente destruídos pelos meus inimigos: só escapou da destruição esta minha vida escrita por um humilde monge devotado a mim, e vocês iriam rir de uma coisa dessas?

Dirige-se amavelmente a Giovanni e convida-o a sentar-se à mesa:

Sente-se, padre, sente-se aqui, e o lampião ao lado.

Pousa o lampião, que ainda segura, ao lado dele.

Escreva, escreva.

Giovanni
Desenrola o pergaminho, e se dispõe a escrever o que lhe ditarem.
Estou pronto, Majestade!

Henrique IV
(Ditando.) O decreto de paz promulgado em Magôncia serviu aos humildes e aos bons, tanto quanto prejudicou os maus e os poderosos.

Começa a descer o pano.

Trouxe abundância aos primeiros, fome e miséria aos segundos...

PANO

TERCEIRO ATO

A sala do trono, escura. Na escuridão mal se distingue a parede de fundo. As telas dos dois retratos foram retiradas e em seu lugar, *dentro das molduras que continuam enquadrando os nichos, colocaram-se na pose exata dos retratos, Frida vestida de "Marquesa de Toscana", como apareceu no segundo ato, e Carlo Di Nolli vestido de "Henrique IV".*

A o levantar-se o pano, o palco aparece vazio por um instante. Abre-se a porta à esquerda e Henrique IV saindo dos bastidores com o lampião suspenso pelo aro na mão, entra, falando para os quatro jovens e para Giovanni que se supõe terem ficado na sala contígua, como no fim do segundo ato.

Henrique IV
Não. Fiquem, fiquem ai. Eu me ajeitarei sozinho. Boa noite.

Fecha a porta e põe-se a atravessar a sala, tristíssimo e cansado, dirigindo-se à segunda porta à direita, que dá em seus aposentos.

Frida
(Vendo que ele ultrapassou um pouco o trono, murmura de dentro do nicho, como alguém que está prestes a desmaiar de medo.) Henrique...

Henrique IV
(Detendo-se ao ouvir a voz, como se lhe dessem à traição uma facada nas costas, vira o rosto aterrorizado para a parede de fundo, fazendo menção de erguer instintivamente os braços, corno que para se defender.) Quem está me chamando? *(Não é uma pergunta, é uma exclamação que jorra num estremecimento de terror e não espera resposta da escuridão e do silêncio terrível da sala que, de repente, para ele se encheram da desconfiança de estar realmente louco.)*

Frida
(Ante o gesto) de terror, não menos aterrorizada com aquilo que aceitou fazer, reflete um pouco mais forte.) Henrique... *(Mas, esticando um pouco a cabeça um pouco do seu para o outro nicho, levando adiante, apesar de tudo, o papel que lhe deram.)*

Henrique IV
Dá um grito: deixa o lampião cair-lhe da mão, levando os braço ao redor da cabeça, como se quisesse escapar.)

Frida
(Saltando de nicho sobre o rodapé e gritando como que enlouquecida.) Henrique... Henrique.. Tenho medo... tenho medo...

E enquanto Di Nolli salta, por sua vez, ao rodapé e daí para o chão, acudindo Frida que continua a gritar convulsivamente, quase a ponto de desmaiar, irrompem - pela porta à esquerda - todos: o Doutor, Dona Matilde também vestida de "Marquesa de Toscana ", *Tito Belcredi, Landolfo, Arialdo, Ordulfo, Bertoldo e Giovanni. Um deles acende imediatamente a luz da sala: a luz estranha, de lâmpadas ocultas no teto, de modo que iluminam o palco só de cima. Os outros, sem se preocuparem com Henrique IV que permanece observando, atordoado com a entrada inesperada, após o momento de terror devido ao qual continua a tremer, correm solícitos para acudir e confortar Frida que, ainda tremendo, geme e se debate nos braços do noivo. Falam todos confusamente.*

Frida
Não, não, Frida... Eu estou aqui... Estou com você...

Doutor
(Vindo com os outros.) Chega! Chega! Não há mais nada a fazer...

Dona Matilde
Está curado, Frida, está curado! Está vendo?

Di Nolli
(Surpreso.) Curado?

Belcredi
Era uma farsa! Fique tranqüila!

Frida
(Como acima.) Não! Estou com medo! Estou com medo!

Dona Matilde
Mas do quê? Olhe para ele! Não era verdade! Não é verdade?

Di Nolli
(Como acima.) Não é verdade? O que está dizendo? Está curado?

Doutor
É o que parece! No que me diz respeito...

Belcredi
Mas é claro! Eles nos contaram!
Aponta os quatro jovens.

Dona Matilde
Sim, já *faz* muito tempo! Ele contou para eles!

Di Nolli
(Agora mais indignado do que surpreso.) Mas como? Se até agora há pouco...?

Belcredi
Que nada! Estava representando para se divertir às suas custas, e às nossas também, e nós que, na maior boa fé...

Di Nolli
Será possível? Divertiu-se às custas de sua irmã também, até a morte? *(Que permaneceu junto deles, espiando ora um ora outro, sob as acusações e o escárnio por aquilo que todos acreditam ser uma cruel zombaria de sua parte, agora revelada; e demonstrou com lampejos no olhar, que metida sobre uma vingança que o desprezo que o revolve por dentro não lhe permite ainda ver com precisão; revolta-se a esta altura, ferido, como a clara ideia de assumir como verdadeira a simulação que lhe tinham insidiosamente preparado, gritando para o sobrinho.)* Vamos! Continue!

Di Nolli
(Ficando atordoado com o grito.) Continue, o quê?

Henrique IV
Não foi só a "sua" irmã que morreu!

Di Nolli
(Como acima.) Minha irmã! Estou falando da sua, que você obrigou a se apresentar aqui até o último instante como sua mãe, Agnes!

Henrique IV
E por acaso não era "sua" mãe?

Di Nolli
Era minha mãe, era minha mãe justamente!

Henrique IV
Mas a sua mãe morreu para mim "velho e distante"! E você acabou de descer agora mesmo de lá!

Aponta o nicho de onde ele saiu.
E o que sabe você, se eu não chorei muito por ela, muito, em segredo, mesmo vestido assim?

Dona Matilde
(Com ar de consternação, olhando para os outros.) Mas o que está dizendo?

Doutor
(Observando-o, bastante impressionado.) Devagar, devagar, por favor!

Henrique IV
O que estou dizendo? Pergunto a todos se Agnes não era a mãe de Henrique IV!
Vira-se para Brida, como se ela fosse realmente a Marquesa de Toscana.
A senhora, Marquesa, me parece que deveria saber!

Frida
(Ainda assustada, agarrando-se com mais firmeza a Di Nolli.) Não, eu não! eu não!

Doutor
O delírio está voltando... Devagar, meus senhores!

Belcredi
(Com desdém.) Que delírio, doutor! Voltou a representar a comédia, isto sim!

Henrique IV
(No ato.) Eu? Esvaziaram aqueles dois nichos lá; ele me aparece pela frente de Henrique IV...

Belcredi
Vamos já parar com essa farsa!

Henrique IV
Quem falou em farsa?

Doutor
(Para Belcredi, em voz alta.) Não o provoque, pelo amor de Deus!

Belcredi
(Sem dar-lhe atenção, em voz mais alta.) Foram eles que falaram!
Indica novamente os quatro jovens.
Eles! Eles!

Henrique IV
(Virando-se para olhá-los.) Vocês? Vocês falaram em farsa?

Landolfo
(Tímido, embaraçado.) Não... realmente, falamos que tinha sarado!

Belcredi
E então, chega, vamos!
Para Dona Matilde:
Não acha que está se tornando de uma infantilidade insuportável ver a ele,
indica Di Nolli,
Marquesa, e à senhora, vestidos assim?

Dona Matilde
Fique calado, ao menos! Quem é que vai pensar em roupa, se ele estiver realmente curado?

Henrique IV
Curado, sim! Estou curado?
Para Belcredi.
Ah, mas não para acabar com a história tão depressa como você está pensando!
Investe contra ele.
Sabe que em vinte anos ninguém nunca se atreveu a aparecer aqui, como você e este senhor?
Indica o Doutor.

Belcredi
Claro que sei! E de fato, hoje de manhã, apareci vestido de.

Henrique IV
De monge, pois é!

Belcredi
E você me tomou por Pedro Damiani! E eu nem ri, pensando realmente...

Henrique IV
Que eu estivesse louco! Tem vontade de rir, ao vê-la assim, agora que estou curado? No entanto, você poderia pensar que, aos meus olhos, seu aspecto, agora
interrompe-se com um impulso de desdém.
Ah!
E volta-se imediatamente para o Doutor.
O senhor é médico?

Doutor
Eu sou...

Henrique IV
E foi o senhor que a fantasiou de Marquesa de Toscana, também? Sabe, doutor, que arriscou fazer com que a noite me voltasse ao cérebro? Por Deus, fazer os retratos falarem, fazê-los sair vivos das molduras...

Contempla Frida e Di Nolli, depois olha para a Marquesa e finalmente olha para o traje que está vestindo.

Excelente combinação, hein... Dois casais... Muito bem, muito bem, doutor: para um louco...

Paz menção a Belcredi com a mão.

Ele deve achar que isto é um carnaval fora de época, não?

Vira-se para olhá-lo.

Então, fora com esta minha fantasia! Para ir com você, não é verdade?

Belcredi
Comigo! Conosco!

Henrique IV
Para o Clube! De fraque e gravata branca? Ou para a casa da Marquesa, os dois juntos?

Belcredi
Mas para onde você quiser! O que você quer? Gostaria de continuar aqui, por acaso, para perpetuar - sozinho - aquilo que não passou de uma brincadeira infeliz de um dia de carnaval? É realmente incrível, incrível, que você tenha podido agir assim, uma vez que se viu livre da desgraça que lhe aconteceu!

Henrique IV
Pois é. Porém, veja. É que, caindo do cavalo e batendo a cabeça, fiquei louco de verdade, eu, não sei por quanto tempo...

Doutor
Ah, é isso, é isso! E durou muito tempo?

Henrique IV
(Bem rápido, para o Doutor.) Sim, doutor; muito tempo: cerca de doze anos.

E de repente, dirigindo-se novamente a Belcredi:

E não ver mais nada, meu caro, de tudo o que depois daquele dia de carnaval aconteceu, para vocês e para mim; as coisas que se transformaram; os amigos, que me traíram; o lugar tomado por outrem, mas suponha, por exemplo... que eu sei! no coração da mulher que você amava; e quem tinha morrido; quem tinha

desaparecido... tudo isso, sabe? Não foi absolutamente uma brincadeira para mim, como você está pensando!

Belcredi
Não, não estou dizendo isto, ora! Eu digo depois!

Henrique IV
Ah, é? Depois? Um dia...
Pára e dirige-se ao Doutor:
Caso interessantíssimo, doutor! Estude-me, estude-me bem!
Vibra todo, falando:
Sozinho, sabe-se lá como, um dia o estrago aqui...
toca a própria testa
sei lá... se arranjou. Abro os olhos aos poucos, e de início não sei se estou dormindo ou acordado; toco uma coisa, toco outras volto a ver com clareza... Ah! - como diz ele -
aponta Belcredi
fora, fora então com esta fantasia! este pesadelo! Vamos abrir as janelas, respirar a vida! Vamos, vamos sair correndo!
Diminuindo repentinamente o arrebatamento:
Para onde? Para fazer o quê? para ser apontado por todos, às escondidas, como Henrique IV, não mais assim, mas de braço dado com você, entre os bons amigos da vida?

Belcredi
Claro que não! O que está dizendo? Por quê?

Dona Matilde
Quem faria isso?... Nem pensar! Mas se foi uma desgraça!

Henrique IV
Mas se antes todos já me chamavam de louco!
Para Belcredi:
E você sabe disso muito bem! Você, que mais do que todos se voltava contra quem tentava me defender!

Belcredi
Ora, vamos, era de brincadeira!

Henrique IV
Olhe aqui os meus cabelos!
Mostra-lhe os cabelos da nuca.

Belcredi
Mas os meus também estão grisalhos!

Henrique IV
Sim, com uma diferenças que os meus ficaram grisalhos aqui, como Henrique IV, entende? E eu nem tinha me dado conta! Só percebi um dia, de repente, quando tornei a abrir os olhos, e fiquei espantado, porque logo entendi que não só os cabelos, mas eu, eu devia ter-me tornado todo grisalho assim, destruído, acabado: e que chegaria morto de fome a um banquete que já terminara.

Belcredi
Eh, mas os outros, tenha a paciência...

Henrique IV
(No ato.) Eu sei, não podiam ficar esperando que eu me curasse, nem mesmo aqueles que, atrás de mim, feriram até sangrar o meu cavalo arreado...

Di Nolli
(Impressionado.) Como, como?

Henrique IV
Sim, à traição, para fazer com que empinasse e eu caísse!

Dona Matilde
(Logo, horrorizada.) Mas eu só estou sabendo disso agora, só agora!

Henrique IV
Isso deve ter sido uma brincadeira também!

Dona Matilde
Quem terá sido? Quem estava atrás de nós?

Henrique IV
Não interessa saber! Todos aqueles que continuaram se refestelando no banquete e que, então, Marquesa, só teriam me deixado os seus restos de magra ou mole piedade, ou algumas espinhas de remorso grudadas no prato sujo. Obrigado!
Virando-se de chofre para o Doutor:
E aí, doutor, veja se o caso não é realmente novo nos anais da loucura! - preferi ficar louco - encontrando aqui tudo preparado e disposto para este novo tipo de prazer: viver - com a mais lúcida consciência - a minha loucura e assim vingar-me da brutalidade de uma pedra que me machucara a cabeça! A solidão tão

esquálida e vazia como a vi quando abri novamente os olhos - tornei a vesti-la imediatamente com todas as cores e os esplendores daquele longínquo dia de carnaval, quando a senhora,

olha para Dona Matilde e indica-lhe Frida

Marquesa, olhe-se ali, triunfou! - e obrigar todos aqueles que me apareciam pela frente e dar continuidade, Deus, agora sob o meu comando, àquela antiga e famosa mascarada que tinha sido - para vocês e não para mim - a brincadeira de um dia! Fazer com que se tornasse para sempre - não mais uma brincadeira, não; mas uma realidade, a realidade de uma verdadeira loucura: aqui, todos fantasiados, e a sala do trono, e estes meus quatro conselheiros: secretos, e - é óbvio - traidores!

Vira-se repentinamente para ele.

Gostaria de saber o que ganharam com isso, revelando que eu estava curado! - Se eu estou curado, não há mais necessidade de vocês, e serão despedidos! - Confiar em quem quer que seja, isto sim é loucura! - Ah, mas agora quem os acusa sou eu! - Sabem? - Achavam que agora eles também podiam fazer a brincadeira junto comigo, às custas de vocês.

Põe-se a rir, os outros também riem, mas sem jeito, menos Dona Matilde.

Belcredi
(Para Di Nolli.) Ora veja, nada mal, nada mal...

Di Nolli
(Para os quatro rapazes.) Vocês?

Henrique IV
É preciso perdoá-los. Isto,

sacudindo a roupa que veste

isto que é para mim a caricatura evidente e voluntária daquela outra mascarada, contínua, de todo instante, da qual somos palhaços involuntários

indica Belcredi

quando sem saber nos fantasiamos daquilo que pensamos ser - a roupa, a roupa deles, devem perdoá-los, eles ainda não a vêem como se fosse a sua própria pele.

Virando-se novamente para Belcredi:

Sabe? A gente se acostuma com facilidade. E a gente desfila como se nada fosse, assim, como um personagem trágico -

executa

- numa sala como esta - Olhe, doutor! - Lembro-me de um padre irlandês, com certeza - bonito - que dormia ao sol, num dia de novembro, apoiando o braço no encosto do banco, num jardim público: mergulhado no prazer dourado daquela tepidez, que para ele devia ser quase estival. Pode-se ter a certeza de que

naquele instante não sabia mais que era padre, nem onde estava. Sonhava! E sabe-se lá o que sonhava! - Passou um moleque, que tinha arrancado uma flor com talo e tudo. Passando, fez cócegas no padre, aqui no pescoço. Eu vi que ele abria os olhos sorridentes; e toda sua boca ria o riso bem-aventurado de seu sonho; esquecido: mas, sei dizer que de repente se recompôs rígido em seu hábito de padre e em seus olhos voltou a mesma seriedade que vocês já viram nos meus; porque os padres irlandeses defendem a seriedade de sua fé católica com o mesmo zelo com que eu defendo os sacrossantos direitos da monarquia hereditária. - Estou curado, senhores: porque sei que banco o louco por aqui; e faço isso quieto! - A desgraça é de vocês que vivem a sua loucura agitadamente, sem conhecê-la e sem enxergá-la.

Belcredi
Olhem só! chegamos à conclusão de que agora os loucos somos nós! *(Com um impulso que no entanto se esforça por conter.)* Mas se não fossem loucos, você e ela

Indica a Marquesa

teriam vindo juntos aqui?

Belcredi
Eu, na verdade, vim aqui acreditando que o louco era você.

Henrique IV
(Rápido em voz alta, indicando a Marquesa.) E ela?

Belcredi
Ah, ela eu não sei... Estou vendo que está como que encantada com o que você diz... fascinada com esta sua loucura "consciente"!

Dirige-se a ela.

Vestida como está, Marquesa, acho que você também poderia ficar aqui para levar esta vida...

Dona Matilde
Você é um insolente!

Henrique IV
(Logo, acalmando-a.) Não lhe dê atenção! Não lhe dê atenção! Continua provocando. No entanto, o doutor avisou-lhe que não provocasse.

Virando-se para Belcredi:

Você está querendo que o que aconteceu entre nós me perturbe mais ainda: o papel que você representou nas minhas desgraças com ela

indica a Marquesa e vira-se agora para ela, indicando-lhe Belcredi

o papel que agora ele representa para a senhora! - Minha vida é esta! Não é a de

vocês! - A de vocês, na qual envelheceram, eu não a vivi!

Para Dona Matilde:

Era isso que queria dizer, demonstrar, com seu sacrifício, vestida assim a conselho do doutor? Oh, fez muito bem, eu lhe disse, doutor:

- "O que éramos naquela época, hein? e o que somos agora?" Mas eu não sou um louco à vossa moda, doutor! Sei muito bem que aquele

indica Di Nolli

não pode ser eu, porque Henrique IV sou eu: eu, aqui, há vinte anos, entendem? Preso nesta eternidade de máscara! Ela viveu,

indica a Marquesa

aproveitou esses vinte anos para se tornar - olhem para ela irreconhecível para mim: porque eu a conheci assim

indica Frida e se aproxima dela

- para mim, é esta, sempre... Vocês me parecem crianças que eu possa assustar.

Para Frida.

E você realmente ficou assustada, menina, com a brincadeira que a convenceram a fazer, sem entender que para mim não podia ser a brincadeira em que eles acreditavam; mas esta coisa terrível e formidável: o sonho que se torna vivo em você, mais do que nunca! Ali você era uma imagem; fizeram de você uma pessoa viva - você é minha! é minha! minha! minha por direito!

Envolve-a com os braços, rindo como um louco, enquanto todos gritam aterrorizados, mas quando acorrem para arrancar Frida de seus braços, ele se torna terrível, e grita para os quatro moços:

Detenham-nos! Detenham-nos! Ordeno que os detenham!

Os quatro jovens, no aturdimento, como que fascinados, tentam segurar automaticamente Di Nolli, o Doutor, Belcredi.

Belcredi

(Livra-se logo e atira-se sobre Henrique IV) Deixe-a! Deixe-a! Você não está louco!

Henrique IV

(fulminante, tirando a espada da cintura de Landolfo que está perto de/e.) Não estou? Então veja!

E fere-o no ventre.

Há um grito de terror. Todos acodem para segurar Belcredi, exclamando num tumulto:

Di Nolli

Ele o feriu?

Bertoldo

Feriu! Feriu!

Doutor
Bem que eu dizia!

Frida
Meu Deus!

Di Nolli
Frida, venha cá!

Dona Matilde
Está louco! Está louco!

Di Nolli
Segurem ele!

Belcredi
(Enquanto o transportam dali, pela porta à esquerda, protesta ferozmente.) Não! Você não está louco! Não está louco! Não está louco!

Saem pela porta à esquerda, gritando, e continuam a gritar até que, sobrepondo-se aos demais gritos, ouve-se um mais agudo de Dona Matilde, ao qual segue-se um silêncio.

Henrique IV
(Permanecendo em cena entre Landolfo, Arialdo e Ordulfo, com os olhos esbugalhados, aterrorizado pela vida de sua própria simulação que repentinamente o levou ao crime.) Agora sim.., não tem jeito...

Chama-os ao seu redor, como que para se proteger, aqui juntos, juntos aqui... e para sempre!

F I M